

MESTRADO INTEGRADO EM PSICOLOGIA
PSICOLOGIA CLÍNICA E DA SAÚDE

O pai como figura de vinculação primária

Clara Manuel Portela Meira

M

2020



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

O PAI COMO FIGURA DE VINCULAÇÃO PRIMÁRIA

Clara Manuel Portela Meira

Junho 2020

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado de Psicologia, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor **José Albino Lima** (FPCEUP).

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceptuais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, encontrando-se tais fontes devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que não divulga na presente dissertação quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

Agradecimentos

Obrigada ao Professor Doutor José Albino Lima por toda a disponibilidade e orientação, pela capacidade empática e humanismo demonstrados em todas as etapas deste projeto e por me ajudar a concretizar sonhos. Obrigada, ainda, por ter sido uma das minhas primeiras e mais importantes referências ao longo destes anos de formação, por contribuir para a emergência e consolidação da minha admiração, identificação e dedicação para com um dos principais quadros concetuais que orientam o meu trabalho.

Quero agradecer à minha mãe por todo o sacrifício, esforço, apoio e amor expresso nas mais diferentes formas que vão além daquelas que posso expressar por simples palavras. Obrigada por seres um exemplo a seguir.

Obrigada pai por me ensinares a nunca desistir dos meus objetivos, lutando por eles de forma persistente e perseverante; a enfrentar todos os obstáculos e os medos que com eles vêm, com a confiança de ser capaz de lograr.

Obrigada Ana, por seres um exemplo de devoção, trabalho e capacidade de concretizar projetos. Obrigada por me ensinares a tornar os momentos de frustração em provas de superação.

Obrigada Rita por teres sido sempre o meu porto seguro, por seres a projeção mais concreta da realidade, mais vezes do que posso recordar, por ouvires os meus devaneios e valorizares esta minha paixão. Obrigada por teres estado sempre presente, por teres sido a minha casa.

Obrigada Ivo, por fazeres parte da minha família.

Obrigada César, por toda a motivação, crédito e demonstração de orgulho. Por todos os momentos de reconforto e amizade, por me ouvires e atenderes a todos os meus pedidos, tornando sempre tudo mais fácil.

Obrigada a todos os colegas e amigos com quem vivi esta etapa da minha vida, que me ajudaram a crescer com base na amizade, partilha e entreajuda.

Resumo

Este trabalho tem como objetivo contribuir para o reconhecimento da importância do papel paterno no desenvolvimento da criança, bem como dar palco às semelhanças nos padrões de interação das figuras parentais, nomeadamente o facto de ambos serem sensíveis às características e competências dos filhos. Pretendemos suscitar e dar asas à modificação da importância que se dá ao homem enquanto cuidador. Sabemos, ainda, que cada etapa de desenvolvimento tem associadas diferentes tarefas desenvolvimentais e, assim, diferentes características e competências a desenvolver e às quais é necessário dar resposta. Este estudo centra-se na etapa da idade escolar.

Tendo como quadro concetual de referência a Teoria da Vinculação de John Bowlby (1958), abordamos determinados padrões de comportamento e os laços íntimos e emocionais criados entre um indivíduo e os seus cuidadores primários, que incluem uma dimensão de proteção – o sistema de vinculação - e uma dimensão de exploração – o sistema de exploração. Assim, espera-se que as Figuras de Vinculação Primárias cumpram a função de Porto Seguro e/ou a função de Base Segura Para Exploração.

No estudo empírico, com uma amostra de 175 crianças em idade escolar, procurámos explorar a representação social do papel do pai, relacionando-a com as funções supracitadas e com os objetivos dos sistemas de vinculação e de exploração na idade escolar.

Os resultados da investigação foram discutidos à luz da Teoria da Vinculação, permitindo a compreensão da figura paterna como Figura de Vinculação Primária no âmbito da representação social das crianças que compõem a amostra. Refletimos, ainda, com base na Teoria da Vinculação, sobre a continuidade e manutenção dos sistemas de vinculação e exploração ao longo do ciclo vital do indivíduo.

As conclusões alcançadas, para além de associarem a representação social do papel do pai ao papel de proteção e ao papel de suporte à exploração, mostram que este é tão competente e sensível como a figura materna, ocupando uma posição central no desenvolvimento da criança, uma vez que se encontra representado como Figura de Vinculação Primária. São, ainda, visíveis as transformações associadas a estes padrões de comportamentos, originadas pela maturação da criança e evolução das suas necessidades.

Abstract

This work aims to contribute to the recognition of the paternal role's importance in the child's development, as well as to give rise to similarities in the patterns of interaction of parental figures, particularly the fact that both are sensitive to the children's characteristics and competences. We intend to explore the role of the paternal figure and underline its relevance, in order to change the importance given to men as caregivers. We also know that each development's stage has different developmental tasks associated with it, and thus, different characteristics and skills to be developed and to which it is necessary to respond. This study focuses on the school-age stage.

With John Bowlby's Attachment Theory (1958) as a conceptual framework, we address certain patterns of behavior and the intimate and emotional bonds created between an individual and their primary caregivers. The dynamic includes a protection dimension - the attachment system - and a exploitation dimension - the exploitation system. Thereby, it's expected that the Primary Attachment Figures fulfill the function of Safe Harbor or the function of Secure Base for Exploration.

In the empirical study, with a sample of 175 school-age children, we sought to explore the social representation of the father's role, relating it to the foregoing functions and to the objectives of this systems at school-age.

The results of the investigation were discussed in light of Attachment Theory, thus allowing the understanding of the father figure as Primary Attachment Figure, within the scope of sample's social representation. Based on the aforementioned theory, we also reflected on the permanency and the maintenance of the systems over the life cycle.

In addition to associating a social representation of the father's role with the protective and the supporting role of exploitation, this investigation show us that he's as competent and sensitive as the maternal figure, occupying a central position in the child's development, since it's represented as a Primary Attachment Figure. We can also notice the transformations associated with these patterns of use originated by the maturation of the child and the evolution of his needs.

Résumé

Ce travail a pour objectif de contribuer à la reconnaissance de l'importance du rôle paternel dans le développement de l'enfant, mais également de mettre en évidence les points communs entre différentes normes d'interaction des figures paternelles, notamment la sensibilité aux caractéristiques et compétences des enfants. Le but est de susciter et donner des ailes au changement de l'importance donnée à l'homme responsable de l'enfant. Nous savons aussi que leur développement est associée à différentes tâches évolutives et différentes caractéristiques et compétences d'évolution auxquelles il est nécessaire de donner une réponse. Cette étude se concentre sur l'âge de scolarisation.

Ayant comme projet de conception la référence de Théorie de la Relation de John Bowlby (1958), nous abordons des modèles de comportements précis et les liens intimes et émotionnels créés entre un individu et ses responsables primaires, incluant une dimension de protection – le système relationnel – et une dimension de recherche – le système d'exploration. Ainsi, nous cherchons à ce que les Figures de Relations Primaires accomplissent une fonction de Repère Sûr, et/ou une Base Sûre Pour l'Exploration.

Dans la recherche empirique, avec un échantillon de 175 enfants en âge de scolarisation, nous cherchons à étudier la représentation sociale du rôle du père, en la reliant aux fonctions susmentionnées et aux objectifs des systèmes de relation et d'exploration en âge de scolarisation.

Les résultats de l'investigation mis en lumière par la Théorie de Relation, permettent la compréhension de la figure paternelle comme Figure de Relation Primaire dans l'environnement de représentation sociale des enfants qui forment l'échantillon. Nous réfléchissons encore, en ayant comme base la Théorie de Relation, sur la continuité et la préservation des systèmes de relation et d'exploration tout au long du cycle vital de l'individu.

Les conclusions avancées lors de la recherche montrent, au delà de l'association de la représentation sociale du rôle du père au rôle de protection et d'appui à l'exploration, que celui-ci est aussi compétent et sensible que la figure maternelle, occupant une position centrale dans le développement de l'enfant, un fois qu'il est représenté comme Figure de Relation Primaire. Les transformations associées à ces modèles de comportements trouvent encore une fois leurs origines dans la maturité de l'enfant et l'évolution de ses besoins.

Índice

Introdução	1
1. Representações sociais sobre o papel do pai	1
1.1. A representação social tradicional e contemporânea do papel do pai	1
2. Teoria da Vinculação	4
2.1. O pai como Figura de Vinculação Primária	9
2.2. Implicações desenvolvimentais das relações de vinculação com o pai	12
2.3. O Sistema de Vinculação na idade escolar	13
2.4. Avaliação da Vinculação e as Representações Sociais	14
Método	18
1. Participantes	19
2. Procedimento de recolha de dados	19
3. Instrumento	20
3.1. Redações	20
4. Procedimento de análise de dados	20
Resultados	25
1. Em que medida, as crianças em idade escolar têm uma representação social do pai que engloba os papéis de Base Segura para Exploração e de Porto Seguro?	25
2. Qual a representação das crianças em idade escolar acerca do que é “Ser pai”?	26
Discussão e Conclusão	34
Bibliografia	40

Anexos	46
Anexo 1. Análise de conteúdo das redações	47

Introdução

1. Representações sociais sobre o papel do pai

1.1. A representação social tradicional e contemporânea do papel do pai

O conceito de família modifica-se de acordo com a época, a área de estudo e a orientação teórica, apresentando variações historicoculturais, particularmente nos papéis desempenhados pelos seus membros (Biasoli-Alves, 1997; Cerqueira-Silva & cols., 2008; Simionato-Tozo & Biasoli-Alves, 1998, citado por Ramos, 2008).

Nesse sentido, tem sido dada particular atenção às mudanças nos papéis femininos, que afetam também os papéis masculinos (Henderson, Tickmyer & Tdlock, 2005, citado por Ramos, 2008). A realidade científica e social tem revelado a necessidade de que a perspetiva das relações de género seja incorporada no estudo atual dos papéis de parentalidade. Para vários autores (Ackerman-Ross & Khanna, 1989; Baruch & Barnett, 1986; Essen & Lewis 1998; Georgas, 2003; Lewis & Dessen, 1999, citado por Ramos, 2008), a entrada da mulher no mercado de trabalho, de facto, contribuiu para uma mudança na tradicional divisão de responsabilidades e tarefas domésticas, provocando alterações na dinâmica familiar, bem como no papel do pai, que é “impelido” para a vida doméstica. Note-se que, comparativamente com os países da União Europeia, Portugal tem uma das percentagens mais elevadas de mulheres inseridas no mercado de trabalho, em particular, no caso de mulheres com crianças em idade pré-escolar (Amâncio & Wall, 2004, citado por Monteiro, 2007).

Identificar que relações se têm estabelecido e como interferem na elaboração de novas perceções de família é, desta forma, uma tarefa teórica fundamental.

Perante profundas transformações económicas, sociodemográficas e culturais ocorridas nas últimas décadas, tem vindo a ocorrer uma mudança na estrutura tradicional da família e nas expectativas acerca dos papéis a desempenhar pelas figuras parentais (Cabrera, Tamis-LeMonda, Lamb, & Boller, 1999; Parke, 1996; Torres, 2004, citado por Monteiro, 2007). Assim, a definição do papel do pai e do que deste se espera, em termos do seu envolvimento, é claramente menos definida, do ponto de vista cultural, do que o da mãe, não existindo uma norma que defina o que este envolvimento deverá ser. No entanto, o mais

importante é que as famílias tenham oportunidade de tomar as decisões que melhor se acomodem aos seus valores, necessidades e objetivos (Lamb, 1996, citado por Monteiro, 2007), devendo essa diversidade ser reconhecida, quer social, quer cientificamente.

Nos últimos 30 anos, observaram-se importantes avanços empíricos e teóricos no estudo da paternidade (Bouchard, Lee, Asgary, & Pelletier, 2007; Fitzgerald, Mann, & Barratt, 1999; Lee & Doherty, 2007; Marks & Palkowitz, 2004; Palkowitz, 2007; Robb, 2004; Seward & Richter, 2008, citado por Simões, Leal & Maroco, 2010), correspondendo ao que Lamb (1987, 1992) designou como a “era do redescobrimento paterno”, caracterizada pelo interesse crescente acerca do papel desempenhado pelo pai na vida familiar (Simões, Leal & Maroco, 2010, p. 1).

A emergência de novos valores culturais e expectativas associadas ao papel do homem, abrem caminho para a imagem de um “novo pai”, participante ativo nos cuidados e educação dos filhos, onde a dimensão afetiva e reguladora do seu papel surge lado a lado com uma dimensão mais tradicional de suporte instrumental e financeiro no funcionamento familiar (Arendell, 1996; Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000; Lamb, 1987, 1992; Marks & Palkowitz, 2004; Matta & Knudson-Martin, 2006; Schoppe-Sullivan, McBride, & Ho, 2004, citado por Simões, Leal & Maroco, 2010). Surge um pai participativo, envolvido no dia a dia da criança e na sua educação, priorizando e garantindo às crianças um ambiente seguro, preservando o desenvolvimento e a estabilidade emocional dos seus filhos.

A literatura ressalva, ainda, um importante fator que tem vindo a cultivar esta mudança; o desejo de rutura com o modelo de pai – “frio e distante” - com que, o pai contemporâneo viveu na sua infância. Este desejo traduz-se numa preocupação em reproduzir comportamentos contrários àqueles que os seus pais outrora mantinham. Numa análise acerca das representações sociais da paternidade, de avós e pais portugueses, Balancho (2004) verificou que as representações dos primeiros vão ao encontro da imagem do pai como figura de autoridade e disciplinadora, pouco envolvido emocionalmente e pouco presente na vida da criança. A atual geração, por oposição, considera como mais importante a capacidade de ser sensível, compreensivo e dialogante, de estar presente na vida da criança, partilhar a autoridade, ser descontraído e lúdico, o que vai ao encontro da noção do “novo pai”.

O pai contemporâneo demonstra as suas emoções e participa nas atividades quotidianas dos seus filhos sentindo-se, na maioria das vezes, satisfeito por isso (Andrade et al., 2006, citado por Oliveira & Silva, 2011).

Em vez da atribuição de papéis específicos e complementares, surge um novo ideal de coparentalidade em que ambos os pais partilham responsabilidades e tarefas nos domínios financeiro, doméstico e nos cuidados das crianças, pelo que, a divisão baseada no género é diluída (Cabrera et al., 1999; Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000; Deutsch, 2001, citado por Monteiro, 2007).

Os pais podem envolver-se com os filhos de diferentes formas e têm assumido diversas responsabilidades em diferentes períodos históricos. A vivência da paternidade sempre foi multifacetada e o modo como tem sido operacionalizada ou implicitamente definida tem mudado ao longo do tempo de forma significativa (Lamb, 2000, citado por Lima, 2001).

Apesar do interesse crescente nesta área, observa-se que os pais se encontram ainda bastante subrepresentados no corpo empírico sobre a parentalidade, sendo o conhecimento acerca das vivências e facetas da paternidade ainda muito incipiente.

Na análise das relações de vinculação das crianças, nomeadamente, a ambos os progenitores, verifica-se que, comparativamente à mãe, e enquanto Figura de Vinculação Primária, o pai tem sido visto num contexto temporal e ecológico diferente, ocupando uma posição secundária, sem importância (Bowlby, 1969/1982; Grossmann, Grossmann, Fremmer-Bombik, Kindler, Scheuerer-Englisch, & Zimmermann, 2002, citado por Monteiro, 2007). Este pressuposto tem-se repercutido, quantitativamente, nos trabalhos que analisam as interações criança-pai, ao nível dos seus antecedentes, correlato e consequências. Esta menor atenção dada à figura paterna poderá, ter consequências negativas, não só para a teoria como, também, para aquilo que se transmite ao público em geral, nomeadamente, a ideia de que os pais não serão importantes num domínio central do desenvolvimento socioemocional da criança (Cowan, 1997, citado por Monteiro, 2007).

Com efeito, observa-se que esta é uma área tradicionalmente dominada pelos estudos sobre a maternidade e a relação mãe-criança, (Ford, Nalbone, Wetchler, & Sutton, 2008; Matta & KnudsonMartin, 2006; Phares, Field, Kamboukos, & Lopez, 2005, citado por Simões, Leal & Maroco, 2010). Nas sociedades ocidentais, a visão tradicional da mãe como o elemento mais afetivo e responsável pelos cuidados e educação dos filhos, e do pai como

suporte financeiro da família levou a que, até há poucas décadas, os pais fossem encarados, por alguns autores, como um mero acidente social (Parke, 1996, citado por Monteiro, 2007). A imagem cultural da mulher como primeira prestadora de cuidados e do pai como figura substituta, ou apenas como companheiro de brincadeira parece ser, ainda, uma crença bastante enraizada no Ocidente (Deutsch, 2001; Parke, 1996; Rohner & Veneziano, 2001, citado por Monteiro, 2007).

Monteiro, Veríssimo, Castro e Oliveira (2006) constataram que, na perspectiva de mães e pais portugueses, com crianças entre 1 e 6 anos de idade, é quase sempre a mãe a responsável pela realização das atividades relacionadas com as rotinas de cuidados à criança, assumindo o pai um papel de suporte ou de ajuda quando é necessário. Contrariamente, nas atividades lúdicas existe uma percepção de participação igualitária pelo que, a brincadeira/lazer surge como a dimensão mais saliente nas interações pai/criança, embora não a única.

Este tem sido um processo de mudança lento, porém contínuo, em particular nas famílias em que ambos os pais trabalham (Lamb & Tamis-LeMonda, 2004; Parke, 1996; Pleck & Masciadrelli, 2004, citado por Monteiro, 2007). Desta forma, a representação da paternidade parece, assim, alternar entre uma perspectiva modernista e conservadora.

Porém, uma visão estereotipada dos papéis parentais corre o risco de ser demasiado simplista, devendo estes ser considerados como multidimensionais, podendo variar de sociedade para sociedade, bem como, dentro da mesma sociedade, de um modo subtil ou substancial, desafiando uma conceção universal dos mesmos (Lamb, 1987, citado por Monteiro, 2007).

Uma vez que o pai atual é percecionado como mais sensível, presente e próximo em termos afetivos, é legítimo referir que provavelmente as suas funções e comportamentos relativamente à criança justificam o estudo da sua influência no desenvolvimento da mesma (Lamb, 1997, citado por Lamb, 2010). Este novo pai tem vindo a ser considerado, na literatura, como favorecedor do desenvolvimento da criança e enriquecedor das relações familiares.

2. A Teoria da Vinculação

A Teoria da Vinculação enfatiza os laços emocionais e íntimos entre indivíduos, tendo estes a função biológica de proteção, ocupando, assim, um status primário – Sistema de Vinculação. A vinculação refere-se à ligação do indivíduo com um cuidador específico, chamado de Figura de Vinculação.

A Teoria da Vinculação propõe-se explicar determinados padrões de comportamento, característicos não só de bebês e crianças, mas também de jovens e adultos. Apesar do Sistema de Vinculação ser mais visível na primeira infância, este é observado ao longo de todo o ciclo vital, especialmente em situações inesperadas, ansiogênicas e stressantes.

O comportamento de vinculação consiste em qualquer forma de comportamento que tenha como objetivo o indivíduo alcançar ou manter proximidade com alguém que lhe é “querido” e identificado como mais capaz de lidar com o mundo.

Estes comportamentos são mais perceptíveis quando o indivíduo vivencia emoções negativas e procura conforto e cuidados. A ativação do Sistema de Vinculação nestas circunstâncias é universal e deve ser considerado a norma. Noutras circunstâncias, estes comportamentos são menos óbvios.

Há fortes evidências de como o comportamento de vinculação é organizado em função das experiências vividas pela criança na sua família de origem. Implícito nesta proposição está a assunção de que o comportamento parental, nomeadamente o comportamento de vinculação, está de alguma forma pré-programado e pronto para se desenvolver. O que significa que, no decurso normal dos acontecimentos, os pais de uma criança têm uma espécie de urgência em levar a cabo determinados comportamentos como, tão simplesmente, alimentá-la. A natureza da ligação entre um cuidador e uma criança é resultado de um conjunto de padrões de comportamentos únicos e, em parte, pré-programados que se desenvolvem, em contextos normativos, durante os primeiros meses de vida e têm como objetivo manter a criança mais ou menos em proximidade com a sua Figura de Vinculação (Bowlby, 1969, citado por Lamb, 2002).

Note-se que a formação do vínculo tem uma função biológica pois promove a sobrevivência das espécies assegurando que a criança fique próxima de um cuidador adulto que pode cuidar da sua segurança (Bowlby, 1982, citado por Kerns, Tomich, & Kim, 2006).

Consequentemente todas as crianças formam vínculos, independentemente da qualidade dessa experiência (Bowlby, 1982, citado por Kerns, Tomich, & Kim, 2006).

Criar e manter estes laços está sob controle de um sistema cibernético situado no sistema nervoso central, sendo criados modelos dinâmicos internos do *Self* e da Figura de Vinculação, na relação com o outro.

A capacidade de criar estes laços com outros indivíduos, por vezes na figura de cuidador, outras vezes na figura vinculada é tida como uma das principais características do funcionamento da personalidade e saúde mental. Para explicar a relação que existe entre a saúde mental e o tipo de vinculação que se estabelece na infância, Bowlby recorreu ao conceito de “modelos internos”, que segundo o autor são uma consequência natural da capacidade do ser humano de criar representações da realidade, representações essas formadas por componentes afetivas e cognitivas acessíveis à consciência. À semelhança das restantes representações, estes modelos internos têm uma função adaptativa, que permitem simular e comparar a realidade, levando a que o sujeito fique mais apto (Bowlby, 1969, 1973, 1980, 1988, citado por Martins, 2016).

Neste sentido, começam por se formar na infância, com características que vão de acordo com um funcionamento sensório-motor e, à medida que a criança se desenvolve, organizam-se a nível simbólico, permitindo à criança refletir e expressar-se sobre aspetos interativos que vivencia com a Figura de Vinculação (Main, Kaplan, & Cassidy, 1985, citado por Monteiro, 2007). Quando completamente formados, estes modelos operam já a um nível inconsciente, e é expectável que se mantenham estáveis ao longo da vida. Contudo, estão vulneráveis a eventuais revisões e mudanças por parte do indivíduo quando este se depara com experiências reais e significativas no contexto da vinculação (Bowlby, 1973, 1988; Waters, Merrick, Treboux, Crowell, & Albersheim, 2000, citado por Monteiro, 2007).

Em suma, o que o autor procurou transmitir com este conceito, é que no desenvolvimento humano, o indivíduo constroi um modelo representacional interno de si mesmo em interação – o modelo interno dinâmico da vinculação (“*working models*”), que é um componente que integra o sistema de controlo da vinculação e que irá depender da forma como a criança foi cuidada. Mais tarde, esse modelo internalizado irá permitir à criança (quando há um sentimento de segurança em relação aos seus cuidadores) acreditar em si própria, tornar-se independente e com capacidade de explorar a sua liberdade (Bowlby, 1973, citado por Monteiro, 2007).

Para a maioria das espécies, a proteção pode ser suficiente para o desenvolvimento do comportamento de vinculação. No entanto, na adaptação humana, o papel de suporte à exploração é semelhante e igualmente importante nesta dimensão de proteção, que existe nas outras espécies. A flexibilidade e a capacidade de resolução de problemas constituem-se como relevantes para a nossa espécie, e distinguem-na das restantes. Desta forma, a noção de Figura de Vinculação como Base Segura Para Exploração do meio é, por sua vez, fundamental e paralela ao conceito de proteção, tornando assim o conceito mais viável para o construto de desenvolvimento (Ainsworth, 1972, citado por Martins, 2016).

Isto leva Bowlby a refletir sobre uma característica central do conceito de parentalidade – a provisão por parte de ambos os pais de uma Base Segura da qual a criança ou adolescente se possa afastar em direção ao mundo exterior. Explorar o ambiente, brincar, incluir atividades variadas com os pares é uma componente básica. Daí terem sido observados os padrões típicos de interação entre mãe-criança, na exploração a partir de uma Base Segura, de forma pioneira por Ainsworth. A noção de Base Segura é uma característica central da Teoria da Vinculação.

Para aumentar a probabilidade da criança de ser bem-sucedida, são necessários dois sistemas: por um lado, ter uma companhia de confiança para nos mostrar o caminho, por outro, saber que existe um refúgio para retornar quando a exploração termina ou não tem o resultado desejado. Assim, a criança deseja voltar, tendo a certeza de que será bem-vinda, nutrida física e emocionalmente, confortada se stressada, acalmada se assustada, tendo a representação de ter acessível um indivíduo familiar tido como capaz e disponível para a confortar e dar suporte, especialmente em situações de emergência.

Em síntese, a criança usa a Figura de Vinculação como uma Base Segura para apoiar a sua exploração na ausência de ameaças e como um Porto Seguro quando angustiada (Ainsworth, Blehar, Waters & Wall, 1978, citado por Bowlby, 1988).

Além disso, sentir que uma Figura de Vinculação é disponível e responsiva, dá ao indivíduo um sentimento forte e estável de segurança, encorajando-o a valorizar e dar continuidade à relação.

Quando o cuidador e um bebé de duas ou três semanas estão em contacto, proporcionam-se fases de interação e de não interação, alternadamente. Ao longo destes ciclos o bebé é, provavelmente, tão espontaneamente ativo como o pai ou mãe. O momento em que os seus papéis diferem, é no tempo de resposta de cada um. Enquanto a iniciação e

a retirada do bebê da interação tende a seguir o seu próprio ritmo, um pai sensível e responsivo regula o seu comportamento para se alinhar com o bebê. E, para além disso, ele adapta o seu comportamento ao bebê. Consegue rapidamente conectar-se com o ritmo natural do mesmo e, ao atender aos detalhes do seu comportamento, descobre aquilo que ele necessita e responde adequadamente. Ao fazê-lo, não só está a mantê-lo satisfeito como está a incitar a sua cooperação.

Apesar de Bowlby, no início da sua concetualização, ter separado o sistema de vinculação do sistema de exploração e de Main, em 1973, ter sido a primeira a chamar a atenção para o conceito de exploração (Grossmann, Grossmann, & Zimmerman, 1999, citado por Monteiro, 2007), foi logo na conceção clássica da vinculação que Ainsworth e Bowlby acrescentaram na definição deste construto: a tendência das crianças (perante um padrão de vinculação segura) para usar a Figura de Vinculação de dois modos diferentes: como “Porto Seguro” (*Safe Haven*) em alturas de stress, na procura de conforto e como “Base Segura” (*Secure Base*), na ausência de stress, para explorar, sendo essa exploração feita de forma cada vez mais distante da Figura de Vinculação. Ou seja, nas circunstâncias em que a criança percebe a Figura de Vinculação como disponível e o ambiente sem perigos, tende a explorar o meio com confiança – fenómeno de interação definido como Base Segura (Ainsworth et al., 1978, citado por Lamb, 2010).

Os pais podem promover quer a dimensão de Porto Seguro, quer de Base Segura, da seguinte forma: ao serem sensíveis ao stress a que a criança está submetida e respondendo adequadamente, ainda, ao encorajarem a exploração realizada pela criança. O saber que há alguém que nos oferece conforto em situações de alarme, irá facilitar o sentimento de segurança para explorar. Há, portanto, uma relação entre os fenómenos de Base Segura e Porto Seguro (Kerns et al., 2015). No fundo, este é o papel de estar-se disponível, pronto para responder quando chamado, encorajar, assistir e apoiar, mas intervir ativamente apenas quando é claramente necessário.

Bowlby, Ainsworth e outros investigadores, definiram a Vinculação Segura através do fenómeno de Base Segura, isto é, um padrão de interações entre a criança e o cuidador que indicam que a criança usa este mesmo cuidador como uma Base Segura, de onde “parte” para a descoberta, para a exploração (Base Segura) e para onde “volta”, quando a criança se sente desorganizada, em crise, cansada ou mesmo quando necessita de encorajamento e reforço positivo (Porto Seguro). Uma Vinculação Segura traduz-se, portanto, num uso audaz da Base Segura ao longo do tempo e consoante o contexto e a naturalista das situações, assim

como na confiança na Figura de Vinculação e na adequação das respostas da mesma. É um conceito que transcende idades e culturas, e engloba reflexões sobre afetos, cognições e comportamentos vivenciados nas relações com pessoas que nos são próximas (Waters & Cummings, 2000, citado por Monteiro, 2007).

Neste tema, o termo “Exploração Segura” surge da ideia de que as crianças com padrões de vinculação segura demonstram persistência, flexibilidade e são capazes de se adaptar e regular as suas emoções perante o contexto que estão a explorar (Grossmann et al., 2008, citado por Monteiro, 2007).

Quanto mais confiante a criança ou adolescente é de que a sua base é segura, mais a tomam como garantida. Os indivíduos mais estáveis emocionalmente, capazes de agarrar as oportunidades são aqueles que têm pais que sempre encorajaram a sua autonomia, estando disponíveis e responsivos quando chamados. Infelizmente, o contrário também é verdade.

Apesar da importância destes estudos, deve-se salientar que vários autores referem que existe uma dificuldade em medir ou demonstrar o vínculo afetivo em estudos de laboratório (Sroufe & Waters, 1977, citado por Barbosa, Matos & Costa, 2011).

2.1. O pai como Figura de Vinculação Primária

No início da concetualização da Teoria da Vinculação, Bowlby não atribuiu um papel significativo ao pai enquanto possível Figura de Vinculação. Porém, com o desenvolvimento da sua teoria, o mesmo autor considerou os pais como Figuras de Vinculação, mas demonstrando uma tendência para considerar a figura paterna como secundária.

Curiosamente, Richard Bowlby revela em declarações que, quando questionava o seu pai, autor da Teoria da Vinculação, acerca do papel do pai, John Bowlby não possuía uma resposta elucidativa: “Bem, uma criança não precisa de duas mães”.

Richard Bowlby chama atenção de que o foco direcionado para a mãe influenciou tendenciosamente investigadores e distorceu valores culturais. O reconhecimento do “pai” chegou tarde na carreira de John Bowlby. Já nos anos 80, Richard Bowlby testemunha uma maior valorização do papel do pai, por parte do autor da teoria, que começa a preocupar-se com as consequências que algumas crianças experienciavam ao perder os seus pais.

Com o passar do tempo, a Teoria da Vinculação necessita de novas análises empíricas, que confirmem a validade e coerência da mesma (Waters & Cummings, 2000,

citado por Monteiro, 2007). Richard Bowlby enfatiza a importância de modificar o papel do pai na Teoria da Vinculação. Segundo o autor, é necessário aprofundar o estudo sobre o papel do pai na vida emocional das crianças. Sugere como primeiro passo o estudo pormenorizado daquilo que os pais fazem e que faz a diferença. São, também, necessárias medidas que captem a complexidade das interações pai-filho e do papel vincutivo do pai.

Segundo Monteiro (2007), Main e Weston (1981) incluíram nas suas observações dos padrões típicos de interação entre cuidador-criança, na exploração a partir de uma Base Segura, as figuras paternas. Observaram seis crianças, primeiro com um dos cuidadores e, seis meses depois, com o outro. Um dos resultados destas observações é de que os padrões de vinculação relativamente às figuras paternas são muito semelhantes no que diz respeito às mães. E, ainda, crianças com uma vinculação segura com os dois cuidadores são mais confiantes e mais competentes. As crianças sem uma vinculação segura com nenhum dos cuidadores, são as menos confiantes e menos competentes, ao passo que as crianças com uma vinculação segura com apenas um dos cuidadores se encontram num meio termo destas características.

Numa análise das relações diádicas criança-mãe e criança-pai e das suas interações ao nível comportamental, assim como, de alguns aspetos da ecologia familiar, com vista a uma melhor compreensão da organização da rede de vinculação da criança, os resultados obtidos sugerem que as crianças organizam os seus comportamentos de Base Segura em torno de ambos os cuidadores, e em magnitudes semelhantes.

Em famílias onde existem dois cuidadores primários, um dos cuidadores assume predominantemente o papel de providenciar um Porto Seguro em alturas de stress ou perigo, enquanto o outro cuidador assume grandemente o papel de proporcionar sentimentos de exploração, descoberta e excitação, nos momentos mais favoráveis. Ora, diferentes papéis, mas igualmente importantes. Cada um dos cuidadores irá, geralmente, optar mais por um tipo de papel em detrimento de outro, não esquecendo que existirão, também, vários níveis de sobreposição entre estes dois papéis.

É verdade que o desenrolar destes papéis pode ser influenciado pelo género, mas não são específicos desse mesmo género. Por isso mesmo, a sensibilidade, responsividade e envolvimento ora do pai, ora da mãe têm um impacto (seja ele positivo ou negativo) semelhante na vida adulta dos seus filhos.

Uma vez que há evidência de que o padrão de vinculação que uma criança desenvolve com a sua mãe é o produto da forma como a mãe cuida a criança (Ainsworth et al. 1978, citado por Bowlby, 1988), é mais do que claro que, da mesma forma, o padrão de vinculação que a criança desenvolve com o seu pai é o produto de como o pai cuida dela. Aquilo que se verifica é que a cultura dita que o pai assuma menos o papel de cuidador do que a mãe, principalmente quando se trata de crianças pequenas. Isto é, como sustenta Lamb, quando os pais assumem um papel de cuidadores, são tão competentes e sensíveis como as mães (Lamb, 1997, citado por Lamb, 2010).

Do ponto de vista da criança, o fundamental é que os seus sinais sejam adequadamente interpretados e respondidos, de modo a que se sinta segura. John Bowlby afirmava que “Quando sentimos um aumento na sensação de perigo, é desencadeada uma resposta. Iremos tentar reduzir esse risco de perigo através do nosso comportamento. Por sinal, é acionada a resposta de procura de conforto, segurança, que só podem ser encontrados na proximidade de uma Figura de Vinculação, seja ela a mãe ou o pai, funcionando como Porto Seguro.”

Não importa tanto salientar as características específicas, mas sim reconhecer a existência de semelhanças nos padrões de interação das figuras parentais, nomeadamente, o facto de ambos serem sensíveis às características e competências dos filhos, ajustando os seus comportamentos nas interações com os mesmos (Lewis & Lamb, 2003, citado por Lamb, 2010).

Atualmente, considera-se que na relação pai-criança, o papel do primeiro é muito mais do que aquele protagonizado por uma Figura de Vinculação Secundária. O pai é, assim, outra Figura de Vinculação Primária neste elo vincutivo.

Associar o desempenho do papel de Figura de Vinculação Primária ao pai, mudaria a importância que se dá ao homem enquanto cuidador. Permitir-nos-ia reavaliar a importância do seu papel e reconhecer que a sua significância na história da criança tem igual valor à da mãe.

Torna-se, assim, fundamental compreender o modo como a criança utiliza o pai como Figura de Vinculação, ora como Base Segura Para Exploração a partir da qual explora o meio, ora como Porto Seguro, a quem regressa em momentos de necessidade, stress, ansiedade, o que implica que o pai seja sensível e disponível no encorajamento e reforço

positivo dos comportamentos de exploração, assim como, aos sinais de procura de proximidade e conforto.

A Teoria da Vinculação possui uma enorme capacidade explicativa, tendo a qualidade destas relações implicações no funcionamento dos indivíduos não só ao nível interpessoal, como também noutros domínios não relacionais (Grossmann, Grossmann, & Waters, 2005; Sroufe, Egeland, Carlson, & Collins, 2005b; Waters et al., 2005, citado por Monteiro, 2007).

2.2. Implicações desenvolvimentais das relações de vinculação com o pai

Considerando as diferentes fases do desenvolvimento do indivíduo, o estudo de Gomes e Resende (2004), citado por Ramos (2008), destaca que, independentemente da organização da família, os pais têm hoje a sua importância reconhecida ao longo do processo de desenvolvimento dos filhos. É essa presença que facilitará a afirmação de si, o desenvolvimento da capacidade de se defender e de explorar o ambiente, entre outras exigências necessárias ao desenvolvimento.

De acordo com Pleck (1997), citado por Lamb (2010), crianças cujo envolvimento paterno é regular, são designadas como sendo crianças que apresentam uma elevada competência cognitiva, empatia, *locus* de controlo predominantemente interno, assim como menos crenças acerca dos estereótipos.

Para a criança, é muito importante contar não só com a presença física do pai, mas sentir-se desejada e confirmada pelo pai, evidenciado a importância do mesmo para o seu desenvolvimento emocional (Rosa, 2004, citado por Damiani, 2014).

A partir de um estudo de caso clínico e de uma rigorosa revisão da literatura, relacionada com a importância da figura paterna na vida dos filhos, Eizirik e Bergamann (2004) afirmam que, em contrapartida, a ausência paterna tem potencial para gerar conflitos no desenvolvimento psicológico e cognitivo da criança, bem como influenciar o desenvolvimento de perturbações de comportamento.

O conceito de ausência paterna é de difícil definição, sendo usado para referir diferentes situações. Pode ocorrer nos casos de divórcio dos pais, mesmo quando o pai oferece suporte material e emocional à mãe, servindo de modelo de autoridade aos filhos, porém afetivamente distante deles. De modo semelhante, a ausência paterna pode ocorrer

independentemente do *status* conjugal dos pais, mas quando existe distância emocional entre pai e filho, embora o pai possa estar fisicamente presente (Corneau, 1991, citado por Damiani, 2014). Conviver com o pai quando não há afeto no relacionamento é capaz de gerar nos filhos os mesmos sentimentos de quem nunca manteve um relacionamento paterno.

O impacto desse distanciamento, seja ele físico e/ou afetivo, reflete-se em sentimentos de desvalorização, abandono, solidão, insegurança, baixa autoestima e dificuldades de relacionamento que começam a ser percebidos na infância e continuam a interferir na trajetória de desenvolvimento na idade adulta. Da mesma forma, o facto de a figura paterna não responder de forma adequada às necessidades da criança, por estar ausente ou apresentar pouco interesse e acompanhamento no seu dia a dia, tendo escassas manifestações de afeto e apoio, pode conduzir a que a criança apresente baixas competências e habilidades sociais, condutas antissociais (agressividade e impulsividade), baixa consciência social, dependência pessoal, assim como, dificuldades no desenvolvimento da identidade sexual (Lamb, 1997, citado por Lamb, 2010).

Benczik (2011) cita Ferrari (1990) ao afirmar que o vazio promovido pela ausência do pai é, segundo este autor, formado pela noção das crianças de não serem amadas pelo progenitor que está ausente, com uma grande desvalorização de si mesmas, em consequência disso. Além dessa autodesvalorização, ocorrem sentimentos de culpa.

A falta de diálogo e abertura para conversar, assim como a carência de afeto e ausência de preocupação com os filhos são as principais “falhas” apontadas a respeito do pai ausente.

2.3. O Sistema de Vinculação na idade escolar

Ao longo do crescimento, há uma mudança no objetivo definido do Sistema de Vinculação, quando a necessidade de disponibilidade por parte da Figura de Vinculação se sobrepõe à necessidade de proximidade física da mesma (Ainsworth, 1990, citado por Kerns, Tomich, & Kim, 2006). Isto é, a necessidade de ter assistência, de ser encorajado, de ser compreendido e escutado, de se sentir importante e admirado, de ter alguém envolvido no seu quotidiano.

Durante a idade escolar, o desejo de Base Segura Para Exploração e de Porto Seguro refletem e suportam a mudança que ocorre na criança, a par do seu desenvolvimento físico,

cognitivo e emocional. Nesta etapa de vida, a criança e os seus cuidadores são capazes de coconstruir uma relação cooperante e mais igualitária em que ambas as partes são responsáveis por comunicarem e coordenarem entre si os componentes de comportamento que compõem uma Relação de Vinculação Segura.

Neste momento do ciclo de vida, as crianças têm como principal desejo que os pais, responsivos e disponíveis, ajam em conformidade com os seus superiores interesses, e não mais com o objetivo de proximidade *per si*. Todavia, as mudanças observadas com a idade não significam, necessariamente, uma redução na qualidade da relação com o cuidador, mas sim uma adaptação necessária e natural, própria da idade, tendo em conta o tipo de desafios que despoletam a necessidade de recorrer à Figura de Vinculação.

Muitos problemas/desafios que outrora ativaram uma necessidade de proximidade e procura de auxílio numa idade mais precoce, são agora resolvidos com sucesso pela própria criança ou adolescente. Para além disso, é esperado que a criança comece a procurar ajuda ou orientação com menos frequência, mantendo a confiança de que o auxílio, o conforto, a orientação estão disponíveis se assim ela necessitar e pedir.

O crescimento sociocognitivo visível já na idade escolar permite às crianças refletirem de forma mais profunda sobre as suas experiências relacionais. Assim como o avanço no vocabulário utilizado e percebido, permite que articulem e comuniquem essas mesmas experiências de uma forma mais precisa.

Entre a terceira infância e a adolescência, encontramos o intervalo de idades sugerido por Bowlby como a janela temporal em que as representações mentais da vinculação se consolidam e estabilizam, não esquecendo que estas representações mentais não deixam de ser dinâmicas.

2.4. Avaliação da Vinculação e as Representações Sociais

Quando a disponibilidade se torna a meta estabelecida do Sistema de Vinculação, as crenças e expectativas das crianças sobre os seus cuidadores tornam-se importantes medidores de vinculação (Kerns, Tomich, Aspelmeier & Contreras, 2000, citado por Kerns, Tomich, & Kim, 2006).

A forma como as pessoas elaboram teorias, crenças e atitudes sobre a realidade social com o objetivo de construir um mundo significativo tem sido objeto de estudo sistemático na Psicologia Social.

Fiske (2010), como citam Vala e Castro (2013), considera a motivação para reduzir a incerteza sobre o mundo que nos rodeia como uma dessas motivações fundamentais, a par do controlo, o sentimento de pertença, a autoestima e a confiança.

A Teoria das Representações Sociais (Moscovici, 1961/1976/2000, citado por Vala & Castro, 2013) preocupa-se com a análise da interação entre processos sociais e processos cognitivos e com o seu impacto no pensamento coletivo e individual. Ou seja, estuda os mecanismos através dos quais “a cultura dá forma à mente” e como a atribuição de significado orienta o tratamento da informação, procurando tornar central para a Psicologia, a noção de significado.

O conceito de “Representação Social” foi cunhado por Serge Moscovici na sua dissertação de doutoramento. É neste trabalho que se encontra a origem, quer do conceito de Representação Social, quer daquela que posteriormente viria a ser chamada “Teoria das Representações Sociais”.

As pessoas constroem visões do mundo significantes através da interação social e da comunicação quotidiana, as quais ocorrem em contextos sociais diferenciados. Mais do que as propriedades disposicionais ou estruturais dos indivíduos e dos objetos, mais do que as propriedades estruturais dos contextos, são as modalidades de comunicação entre sujeitos que determinam a relação entre estes e os objetos.

Moscovici constatou, desde o início, que era necessária uma teoria que, simultaneamente, levasse em conta dimensões sociais e psicológicas e explicasse tanto o consenso, como a diversidade.

O conceito de representação social tem como subjacente que os modelos que servem para explicar a permanência têm, também, que explicar a mudança e identificar os processos que interligam ambas. Trata-se do facto de a cultura não ser apenas um sistema relativamente estável de significados, mas também um sistema dinâmico, permanentemente construído e mantido em funcionamento.

Sabemos que os processos de representação social estão implicados na construção das relações de género (Amâncio & Oliveira, 2006, citado por Vala & Castro, 2013), que variam com a cultura. Com base no género, algumas sociedades estabelecem uma

diferenciação marcada e rígida entre os papéis de pai e mãe, enquanto noutras culturas eles apresentam maiores semelhanças. Estes papéis não poderiam, porém, ser mantidos em funcionamento e adaptação sem as inúmeras interações que ocorrem quotidianamente nas famílias e nas quais eles são, permanentemente, quer contestados, quer reafirmados, a propósito de decisões tão banais como, por exemplo, as que estabelecem quem se encarrega de ir buscar os filhos à escola.

Vários investigadores têm concluído que as crenças associadas à parentalidade têm efeito na construção da relação cuidador-criança. Estas crenças fazem parte de um discurso sistémico transgeracional e estão fortemente associados aos papéis parentais, que são transmitidos de cultura em cultura, de família em família, sendo partilhados por todos os membros deste sistema. São, assim, criadas regras acerca do modo como os membros do sistema familiar podem desempenhar os seus papéis (Neuburger, 2006, citado por Godeanu, 2019).

Estas regras e atribuições podem ser falsas ou ilusórias. E, portanto, existe o perigo destas crenças criarem confusão naquilo que são os papéis e as necessidades no seio de um sistema familiar, assim como ocorrerem comportamentos disfuncionais. Infelizmente, durante a prática terapêutica dos clínicos, são muitas as partilhas que se fazem sobre disfunções familiares devido à confusão de papéis existente neste sistema.

Crenças erróneas sobre o papel do pai, excluem a importância que este tem para a criança, na relação pai-filho. É muitas vezes associado a uma figura de autoridade, ausente ou presente de forma inconstante. É aquele que deve determinar as regras do seio familiar, é quem deve ser o mais forte e, ao contrário da mãe, não tem conhecimento de nada acerca dos filhos. A crença socialmente partilhada de que “Só uma mãe sabe aquilo que o seu filho precisa” cria, sem dúvida alguma, um papel. O papel de pai “incompetente”.

Portanto, para estas interações quotidianas há “macrobalizas” culturais relativamente estáveis que incluem, por exemplo, as representações sociais do que é ser pai ou mãe, as quais são alvo, quer de reforços, quer de negociações e contestações contextuais (Castro & Batel, 2008; Monteiro & Castro, 1996, citado por Vala & Castro, 2013). O resultado destas negociações vai assegurando, em alguns casos, a estabilidade e noutros a mudança social, que pode, por sua vez, ser mais lenta ou mais radical.

Se tomarmos em conta estas especificidades, estudar as representações sociais obriga-nos a articular, em simultâneo, três níveis de análise: o cultural, o interativo e o individual (Castro & Batel, 2008, citado por Vala & Castro, 2013).

A teoria também se interessa pelo estudo das representações em construção (“*in the making*”) (Moscovici, 1984b, citado por Vala & Castro, 2013). Estas são representações que ainda não tiveram tempo para sedimentar, por serem “novas”. Muitas destas “novas” representações são continuamente fornecidas à sociedade pela ciência, pelos seus saberes e pelos seus praticantes. O conceito de representação social vai ser, assim, um instrumento para analisar como se modifica o senso comum ao ser alimentado pelas inovações científicas e para examinar como as representações de certos objetos se vão modificando por influência de determinadas ideias científicas. Porém, como foi sendo tornado claro com o tempo, o interesse desta abordagem pelas representações em construção não se esgota no estudo da forma como o senso comum é transformado pela ciência, mas também por todos os outros sistemas sociais; e analisar como tudo isto ocorre por meio da comunicação, que põe as novas ideias ou propostas em circulação na sociedade e, ao mesmo tempo, as vai alterando.

A importância conferida à forma como ideias ou acontecimentos inovadores afetam e alteram a cultura e o conhecimento social é muito relevante. De facto, é esta reformulação que possibilita ao conceito de representação social tornar-se um instrumento de análise da mudança social e cultural, bem como da resistência a esta (Castro & Batel, 2008; Howarth, 2006; Moscovici, 1972, citado por Vala & Castro, 2013).

Na etapa escolar, é esperado que as crianças já tenham estruturado uma parte significativa das suas representações sociais do papel paterno. Estas representações surgem pelas configurações existentes desde o meio microssistémico até ao meio macrossistémico do sujeito pois articulam, em simultâneo, o seu contexto cultural, interativo e individual (Vala & Castro, 2013, citado por Dias, 2017).

Método

Atribuímos a este estudo exploratório o valor da familiarização da comunidade científica com um fenómeno relativamente desconhecido que é, precisamente, a representação social de crianças em idade escolar sobre o papel do pai, e se essa representação corresponde àquilo que é definido como uma Figura de Vinculação Primária.

Colocam-se, assim, duas questões de investigação nucleares:

(Q1) Em que medida, as crianças em idade escolar têm uma representação social do papel do pai que engloba os papéis de Base Segura para Exploração e/ou de Porto Seguro?

(Q2) Qual a representação das crianças em idade escolar acerca do que é “Ser Pai”?

Na realidade, estudar a criança implica estudar a sua socialização por meio da família (Dessen & Biasoli-Alves, 2001, citado por Ramos, 2008). Na experiência familiar do processo de socialização, o adulto transmite à criança valores, normas e modelos culturais (Romanelli, 1998, citado por Ramos, 2008), e a criança, por sua vez, interioriza o mundo mediado pela família (Biasoli-Alves, 1997, citado por Ramos, 2008).

Porém, a maneira como os progenitores percebem a sua própria forma de educar pode ser diferente de como os filhos a percebem. Torna-se importante não só aquilo que se deve fazer para educar a criança, mas também como esta interpreta o que está a ser feito (Weber & cols, 2004, citado por Ramos, 2008). Compreender o ponto de vista da criança é essencial, pois é ela a destinatária da educação oferecida pelos adultos (Montandon, 2005, citado por Ramos, 2008).

Tendo em conta que podem ocorrer diferenças e até incompatibilidades entre perceções e pensamentos dos cuidadores e dos filhos, sobre as suas relações e sobre a maneira de educar (Weber e cols, 2004, citado por Ramos, 2008), evidencia-se que a lógica e o pensamento da criança têm características diferentes em relação à dos adultos, resultando noutras formas de raciocínio e outras perspetivas. Portanto, o que as crianças pensam nem sempre corresponde àquilo que os adultos supõem que elas pensam, e devemos levar em conta que as suas ideias não são inferiores (Batistella, Silva & Gomes, 2005; Montandon, 2005; Percy, 2003, citado por Ramos, 2008), mas específicas do seu desenvolvimento cognitivo.

Em estudos recentes sobre o desenvolvimento, o foco na narrativa de crianças sobre as interações com os seus cuidadores tem sido uma das linhas seguidas. A narrativa constitui-se, de facto, uma forma de pensamento discursivo. De acordo com Kreppner (2003), o uso da narrativa atrai interesse devido à possibilidade de entendimento de como os indivíduos avaliam e interpretam eventos do dia a dia e de como as crianças são influenciadas pelos seus pais.

Deste modo, a escolha por uma pesquisa de natureza qualitativa recaiu no facto de esta permitir o fornecimento de dados que contribuem para a compreensão das relações entre os atores sociais e determinada situação, permitindo uma análise mais detalhada das suas crenças, atitudes, valores e motivações (Gaskell, 2002, citado por Dias, 2017).

1. Participantes

Participaram neste estudo 175 crianças que frequentavam o 3º ou 4º ano de escolaridade do 1º Ciclo do Ensino Básico, em escolas da Área Metropolitana do Porto.

2. Procedimento de recolha de dados

O procedimento de recolha de dados no âmbito da elaboração da presente dissertação de mestrado, não ocorreu conforme previsto devido à situação de pandemia em curso que se instalou no nosso país e no mundo, devido ao coronavírus da síndrome respiratória aguda grave 2 (SARS-CoV-2). Note-se que a 11 de março, a Organização Mundial de Saúde classificou oficialmente o surto de coronavírus como pandemia.

Inicialmente, com o objetivo de estudar de que forma as crianças em idade escolar recorrem ao pai como Porto Seguro e/ou Base Segura para Exploração (Figura de Vinculação Primária), seria aplicada a escala Security Scale Questionnaire (SSQ) a crianças de idade escolar (8-10 anos de idade). Porém, apesar de todas as diligências efetuadas nesse sentido não foi possível executar o desenho de investigação inicialmente traçado.

Perante esta contingência, e tendo em conta a imprevisibilidade temporal de recolha de dados com as crianças, optou-se por ajustar o referido desenho de investigação tendo, desta forma, recorrido a um conjunto de “redações” elaboradas por 175 crianças de idade escolar (3º e 4º anos de escolaridade) a propósito da questão: “O que é para ti ser pai?”.

De mencionar que este material documental nunca tinha sido alvo de análise de forma agregada, nem tão pouco com a abordagem concetual que se preconiza na presente dissertação.

3. Instrumento

3.1. Redações

De forma a utilizar um processo de recolha de dados através de um instrumento que fosse “familiar” para as crianças que frequentam os 3º ou 4º anos de escolaridade, optou-se por recorrer a uma tarefa bastante comum nestas idades em contexto escolar: elaboração de uma “redação”.

Neste caso em particular era pedido às crianças que redigissem um texto em que procuravam responder à questão: “O que é para ti ser Pai?”

4. Procedimento de análise de dados

O procedimento de análise dos textos traduziu-se numa análise de conteúdo. Numa abordagem qualitativa, a análise de conteúdo possibilita a utilização da técnica de análise categorial e, por entre diferentes possibilidades de categorização, propomos uma análise temática. A análise concretizou-se com base em três momentos cronológicos: uma pré-análise – marcada por uma leitura “flutuante”; a exploração do material – onde se procedeu à codificação dos dados por categorias e subcategorias envolvendo, também, a escolha das unidades de registo; e a interpretação dos resultados – com base na teoria já existente (Bardin, 2011; Dias, 2017).

Desta forma, depois de formado o nosso *corpus*, composto por 175 redações sobre “O que é para ti ser pai?”, procedeu-se à organização de unidades de significação criando categorias e subcategorias, introduzindo uma ordem suplementar reveladora de uma estrutura interna. Ou seja, uma vez considerados os componentes essenciais daquilo que veicula o nosso quadro teórico, a Teoria da Vinculação, os conceitos de Base Segura Para Exploração e de Porto Seguro sustentam todos os polos cronológicos da investigação levada a cabo.

Assim, não pudemos deixar de hipotetizar, num momento de pré-análise, que as crianças que participaram neste estudo, refeririam como fazendo parte do papel do pai que este funcionasse como Base Segura Para Exploração e/ou como Porto Seguro. Funcionando estes dois conceitos como indicadores, *a priori*, ao longo da exploração do material e, por fim, na fundamentação da interpretação final.

Assim, o conceito de **Base Segura Para Exploração** é definido como um padrão de interações entre a criança e o cuidador que indicam que a criança usa este mesmo cuidador como uma Base Segura, de onde “parte” para a descoberta, para a exploração.

O conceito de **Porto Seguro** refere-se “onde” a criança “volta”, quando se sente desorganizada, em crise, cansada ou mesmo quando necessita de encorajamento, conforto e reforço positivo.

Para além de ambas as categorias se relacionarem significativamente com as questões de investigação do estudo, deixámos claro as evidências reproduzidas pela literatura, da importância, não só dos comportamentos de Base Segura Para Exploração, mas também de Porto Seguro, por parte de uma Figura de Vinculação Primária, nomeadamente, o pai.

Apresentada a proposição que nos propomos verificar, procedemos à associação de unidades de análise, a um sistema de duas categorias que, ao longo da exploração do material se foi ramificando, originando subcategorias que permitem conhecer aquilo que é expectável que seja a “expressão comportamental paterna”, por um lado de uma Base Segura Para Exploração, por outro, de um Porto Seguro.

Este trabalho foi orientado pelo Modelo Tripartido de Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1985), pelos trabalhos de McBride e Mills (1993) e McBride e Rane (1998) que deram continuidade e detalharam o trabalho dos primeiros autores e, ainda, a contribuição de José Albino Lima no que diz respeito à referenciação e valorização de quatro componentes-chave no conjunto de responsabilidades que constituem o papel do pai.

Lamb, Pleck, Charnov e Levine (1985; Pleck, Lamb, & Levine, 1985, citado por Lamb, 2010) propuseram uma concetualização do envolvimento paterno que abrange três componentes: Interação, Acessibilidade e Responsabilidade. A Interação diz respeito à interação direta pai-criança; a Acessibilidade refere uma forma de envolvimento em que o pai pode, ou não, envolver-se diretamente na Interação, mas continua disponível (física e psicologicamente) para a criança; e na Responsabilidade o pai assume a responsabilidade do bem-estar e cuidado da criança.

O construto de envolvimento paterno foi, subsequentemente, amplamente utilizado. A forma como os investigadores operacionalizam e interpretam os componentes do Modelo Tripartido variam. Tomam-se como referência os trabalhos de McBride e Mills (1993) e McBride e Rane (1998) que, relativamente à forma de envolvimento Interação, consideram ainda quatro tipos de interação diádica: (1) Jogo – O pai e a criança estão ativamente envolvidos em alguma atividade centrada na criança e realizada por prazer ou diversão; (2) Funcional – O pai ajuda ou desempenha alguma tarefa de prestação de cuidados à criança que ela, provavelmente, não consegue realizar sozinha; (3) Paralelo – O pai e a criança estão envolvidos em alguma atividade centrada no adulto, ou estão envolvidos na mesma atividade sendo que o pai não está a prestar total atenção porque está a realizar outra tarefa, ou estão a realizar atividades diferentes mas ocupam um espaço físico próximo; (4) Transição – O pai está a desempenhar uma tarefa que ajuda a criança a passar de uma atividade para outra, mas a criança prossegue a atividade sem a ajuda do adulto. Este modelo tem vindo a influenciar a investigação recente neste domínio (McBride, & Rane, 1998; Parke, 2000, citado por Lima, 2008) e parece emergir como base de uma perspetiva genericamente aceite das dimensões fundamentais da vivência da paternidade (Pleck, 1997, citado por Lima, 2008).

José Albino Lima, no âmbito dos seus trabalhos de Doutoramento (2009) desenvolveu a Escala de Responsabilidade Parental – Versão Pai (ERP-Pai) com vista a avaliação da perceção das crianças relativamente à assunção de responsabilidades por parte do seu pai, em dimensões como os cuidados, o bem-estar emocional ou a escola. A análise fatorial exploratória extraiu uma solução fatorial com 4 componentes. A escala é assim constituída por quatro subescalas relativas às seguintes dimensões: Cuidados e Interesses; Apoio Emocional e Estimulação; Escola; Autoridade e Disciplina.

A subescala Cuidados e Interesses diz respeito à assunção de responsabilidades implicando o interesse pelos cuidados, atividades e quotidiano da criança; a subescala Apoio Emocional e Estimulação considera o assumir da responsabilidade do pai pelo bem-estar emocional e estimulação do filho; a subescala Escola incide sobre formas de responsabilidade que relacionam o envolvimento paterno nas atividades escolares e a subescala Autoridade e Disciplina relaciona a responsabilidade com aspetos relativos à autoridade, supervisão e disciplina da criança.

Tomando como base os referidos enquadramentos teórico-práticos, propomos uma estrutura de análise das formas de envolvimento paterno referidas pelas crianças participantes neste estudo.

Assim, a categoria **Base Segura Para Exploração** subdivide-se nas subcategorias:

(1) **Jogo/Brincadeira** - O pai envolve-se em alguma atividade centrada na criança e realizada por prazer e diversão. Não é cotado como jogo quando o pai apenas está a observar a criança a jogar (e.g. *“Brincar com eles”*; *“Fazer puzzles”*);

(2) **Lazer** – O pai envolve-se com a criança, em alguma atividade realizada por passatempo, lazer ou descanso, sendo que essa atividade não é centrada na criança (e.g. *“Dar um passeio com ele”*; *“Ouve música”*);

(3) **Apoio nos T.P.C** – O pai envolve-se no apoio às tarefas escolares da criança (e.g. *“Ajudá-los nos estudos para mais tarde os filhos terem pão na mesa para comer e dar aos netos”*; *“Também se interessa com os meus trabalhos de casa.”*);

(4) **Autoridade e Disciplina** – O pai envolve-se em tarefas que implicam a orientação, estabelecimento de limites e definição de comportamentos ajustados aos contextos e às interações sociais da criança (e.g. *“É falar com ele, quando faz coisas de mal”*; *“Na educação dos filhos um pai tem de colocar regras”*);

(5) **Estimulação** – O pai envolve-se na estimulação e aquisição de novas competências pela criança (e.g. *“Ensinar a lavar os dentes”*; *“Esclarecer dúvidas”*);

(6) **Transições** - O pai desempenha uma tarefa que ajuda a criança a passar de uma atividade para outra, mas a criança prossegue a atividade sem a ajuda do adulto (e.g. *“Tem que levar os filhos à escola”*; *“Depois temos que os ir buscar à escola”*).

No que concerne à categoria **Porto Seguro**, esta é constituída pelas seguintes subcategorias:

(1) **Cuidados e Preocupações com a saúde, higiene e bem-estar** – O pai ajuda ou desempenha alguma tarefa de prestação de cuidados à criança que ela, provavelmente, não consegue realizar sozinha (e.g. *“Quando os filhos estão doentes, eles têm de nos levar ao médico”*; *“Alimentá-los”*);

(2) **Proteção** – O pai envolve-se na segurança física e emocional da criança e adota comportamentos de monitorização (e.g. *“Para mim ser pai é ser poderoso”*; *“Está sempre a olhar pelas crianças”*);

(3) **Carinho e Reconforto** – O pai envolve-se no apoio e bem-estar emocional da criança, criando momentos de expressão de afeto (e.g. *“Dar mimos”*; *“Dar-lhe atenção”*);

(4) **Apoio Emocional e Encorajamento** – O pai assume responsabilidade pelo bem-estar emocional do filho, fornecendo o apoio necessário para que a criança leve a cabo tarefas, responsabilidades (e.g. *“O meu pai é bom quando eu me porto bem”*; *“E confia muito mais em nós”*);

(5) **Trabalho e Sustento Económico** – O pai assume a responsabilidade de providenciar condições e bens materiais necessários para a criança (e.g. *“Ajudar a comprar o material.”*; *“Ele vai lutar para ganhar dinheiro”*).

Procedemos ainda a um método estatístico amplamente utilizado com o objetivo de determinar a fidelidade interavaliador, ou seja, o procedimento representa a proporção de concordância entre avaliadores. A medida de concordância interobservador traduz-se pelo valor de *Kappa* de Kleiss, em virtude de uma análise elaborada por mais do que dois avaliadores. Três avaliadores, após a familiarização com as categorias e subcategorias que codificam o material de exploração, analisaram 40 excertos provenientes do nosso *corpus*, representantes de todas as subcategorias encontradas. Obteve-se um valor de fidelidade interavaliador de 0.695. Os autores Landis e Koch (1977) sugerem uma tabela para interpretar o valor de *Kappa*, tabela esta que classifica o valor obtido como relevador da existência de uma concordância forte/substancial entre avaliadores.

Resultados

Nesta secção decidiu-se organizar a apresentação de resultados em função das questões de investigação consideradas nucleares e que foram formuladas no âmbito desta dissertação.

(Q1) Em que medida, as crianças em idade escolar têm uma representação social do papel do pai que engloba os papéis de Base Segura para Exploração e de Porto Seguro?

Com base na Teoria da Vinculação, a interpretação dos resultados permite-nos verificar que 97.71% das crianças ($n = 171$) que participaram neste estudo ($n = 175$), percecionam que o desempenho de uma Base Segura Para Exploração ou de Porto Seguro fazem parte do papel paterno. Existem apenas 4 crianças (2.29%) cuja representação social do papel paterno, não corresponde a nenhum dos componentes básicos de uma Relação de Vinculação Primária.

Entre as crianças que referiram quer apenas uma das categorias, quer as duas ($n = 171$), as formas de envolvimento paterno como Porto Seguro são mais referidas (95.32%) do que as que implicam uma função de Base Segura Para Exploração (68.42%). Portanto, apenas 4.68% destas crianças excluíram o desempenho desta responsabilidade do papel do pai. Este valor corresponde ao número de crianças que afirmaram que, do papel paterno, faz parte, apenas, o cumprimento da tarefa de servir como Base Segura Para Exploração. Já o funcionar como Porto Seguro como missão única deste papel de pai, foi referido por 31.58% destas crianças.

Desta forma, verifica-se que 36.26% das crianças atribuíram ao papel do pai apenas um dos componentes básicos de uma Relação de Vinculação Primária. Por sua vez, 63.74% das crianças perspetivam o pai tanto na função de Base Segura Para Exploração como na função de Porto Seguro.

Portanto, 63.74% das crianças em idade escolar têm uma representação social do papel do pai que engloba o papel de Base Segura Para Exploração, bem como o papel de Porto Seguro e 97.71% das crianças atribuem ao papel do pai pelo menos uma destas funções. O dever de funcionar como Porto Seguro é mais atribuído ao papel do pai pelas

crianças, uma vez que entre as crianças que afirmam fazer parte deste papel apenas uma das categorias, a categoria Porto Seguro aparece com mais frequência.

Importa, ainda, ressaltar que entre as cento e setenta e uma crianças que referiram uma ou ambas as categorias, o Carinho e Reconforto (subcategoria constituinte da categoria Porto Seguro) foram as atitudes mais esperadas do pai (65.50%). O mesmo acontece entre as crianças que atribuíram ambas as categorias ao papel do pai (69.72%), sendo o Carinho e Reconforto aquilo que prevalece na representação social do papel do pai, atitudes expectadas de uma figura que, devido às suas formas de envolvimento é, maioritariamente, considerado um Porto Seguro – *“Mimá-lo quando ele está triste, aborrecido ou chateado. Um verdadeiro pai fazia tudo ao máximo para ser o melhor pai para ele; “Ajudá-lo sempre nos momentos bons e nos momentos maus”*).

(Q2) Qual a representação das crianças em idade escolar acerca do que é “Ser Pai”?

De acordo com a análise de conteúdo efetuada, as crianças atribuem uma maior importância ao (1) Carinho e Reconforto proporcionados pelo pai (69.72%) – *“É nosso amigo e ajuda-nos. Dá-nos amor e carinho.”; “Convive com a família e é feliz com a sua vida”*.

(2) O Jogo/Brincadeira – *“Ser pai é jogar jogos com os filhos, brincar com os filhos”; “Jogar comigo na consola”;* e os (3) Cuidados e Preocupações com a Saúde, Higiene e Bem-Estar – *“Temos que cuidar dos filhos, dar alimentação, levá-los ao médico quando estão doentes”; “Para mim ser pai é ser um homem dedicado à família, ser preocupado”* - são formas de envolvimento que as crianças avaliam como igualmente importantes (55.96%) depois da primeira subcategoria anteriormente referida.

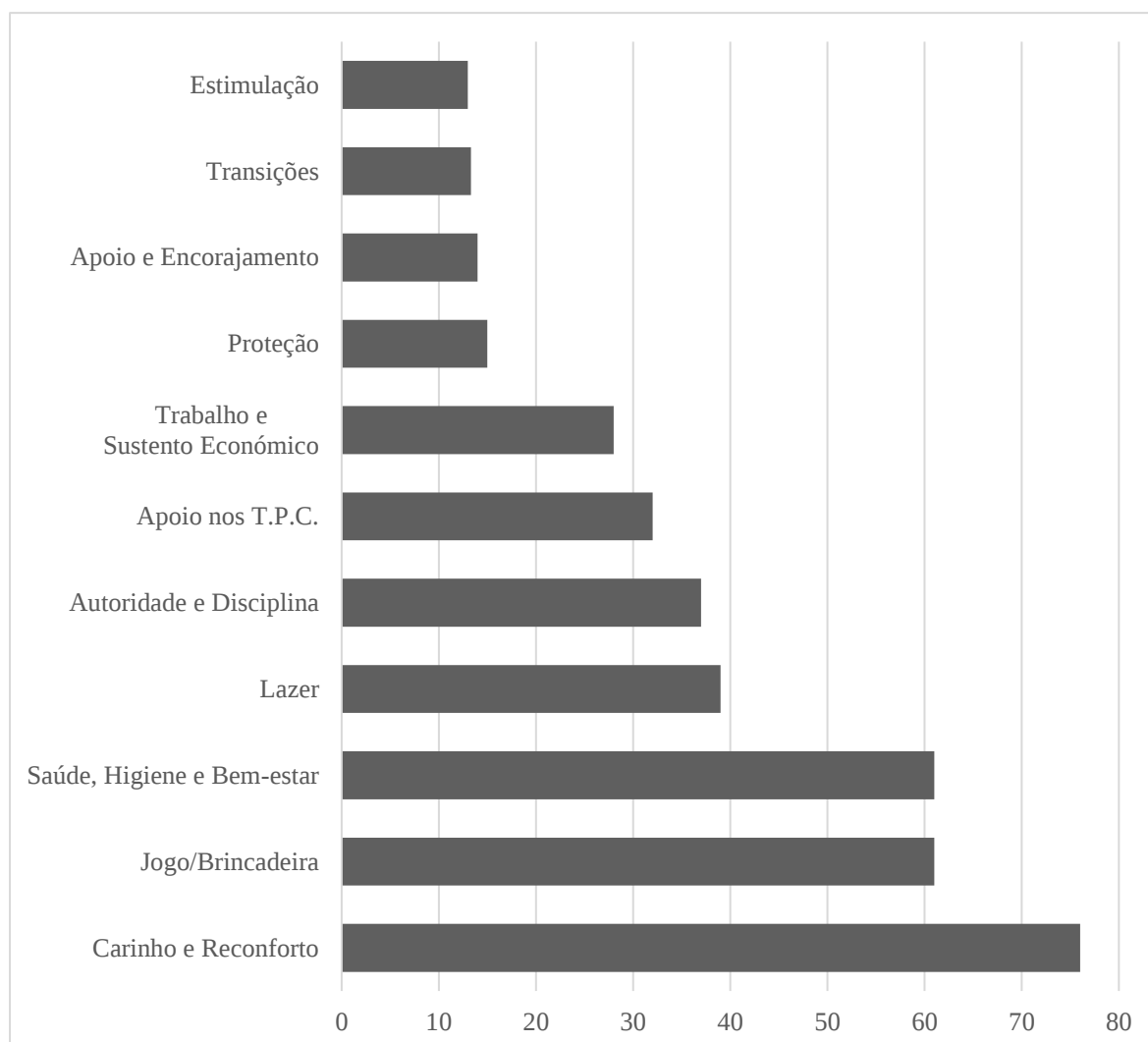
De imediato, surge o (4) Lazer (35.78%) – *“O meu pai leva-me a visitar coisas que não conheço e até me leva a Lisboa ao estádio do Benfica para ver os jogadores jogar.”; “Os pais também teriam de levar os filhos a passear.”*. Seguindo-se a (5) Autoridade e Disciplina (33.94%) – *“Para mim ser pai, é dar educação aos filhos”; “Ensinar a ser carinhosa”*.

As crianças valorizam, ainda, por ordem decrescente o (6) Apoio nos T.P.C. (29.36%) – *“Ajudar a fazer os T.P.C.”*; *“Ajudar os filhos a fazer exercícios para a escola”*; o (7) Trabalho e Sustento Económico (25.69%) – *“Têm de ganhar dinheiro para sustentar a família”*; *“Trabalhar muito para ganhar dinheiro para comprar comida e saúde para a família”*.

Abaixo dos 15% surgem (8) a Proteção (13.76%) – *“Proteger os filhos enquanto eles não se sabem defender”*; *“Vai connosco à internet”*; o (9) Apoio Emocional e Encorajamento (12.84%) – *“Dizer: vais conseguir filho, tu és capaz”*; *“O meu pai é bom quando eu me porto bem”*; as (10) Transições (12.28%) – *“É buscar os filhos à escola”*; *“Teria que ir buscar o meu filho à escola, trazê-lo a casa”* - e, por fim, a (11) Estimulação (11.93%) – *“Para mim ser pai é ensinar a ler, ensinar a jogar futebol, ensinar a falar, a tomar banho sozinho, dormir sozinho, defender-se sozinho, escrever, cantar, andar e gastar pouco”*; *“Ensiná-los a ter uma boa higiene oral”*. .”.

De uma forma geral, neste decrescendo da importância atribuída pelas crianças às diferentes formas de envolvimento do pai, como demonstra a figura 1, é visível uma alternância entre formas de envolvimento típicas de uma figura que funciona como um Porto Seguro e formas de envolvimento esperadas de uma figura que desempenha o papel de Base Segura Para Exploração. Importa frisar que como mais expectável encontra-se uma forma de envolvimento característica de uma figura de Porto Seguro. Pelo contrário, a forma de envolvimento menos valorizada, faz parte de um sistema de exploração.

Figura 1. Ordem de importância atribuída pelas crianças às subcategorias com uma representação bicategorial



Ao analisarmos as representações sociais de crianças que atribuíram ao papel do pai apenas uma das categorias, percebemos que a ordem de valorização dada a cada forma de envolvimento, ilustrada na figura 2, é a seguinte:

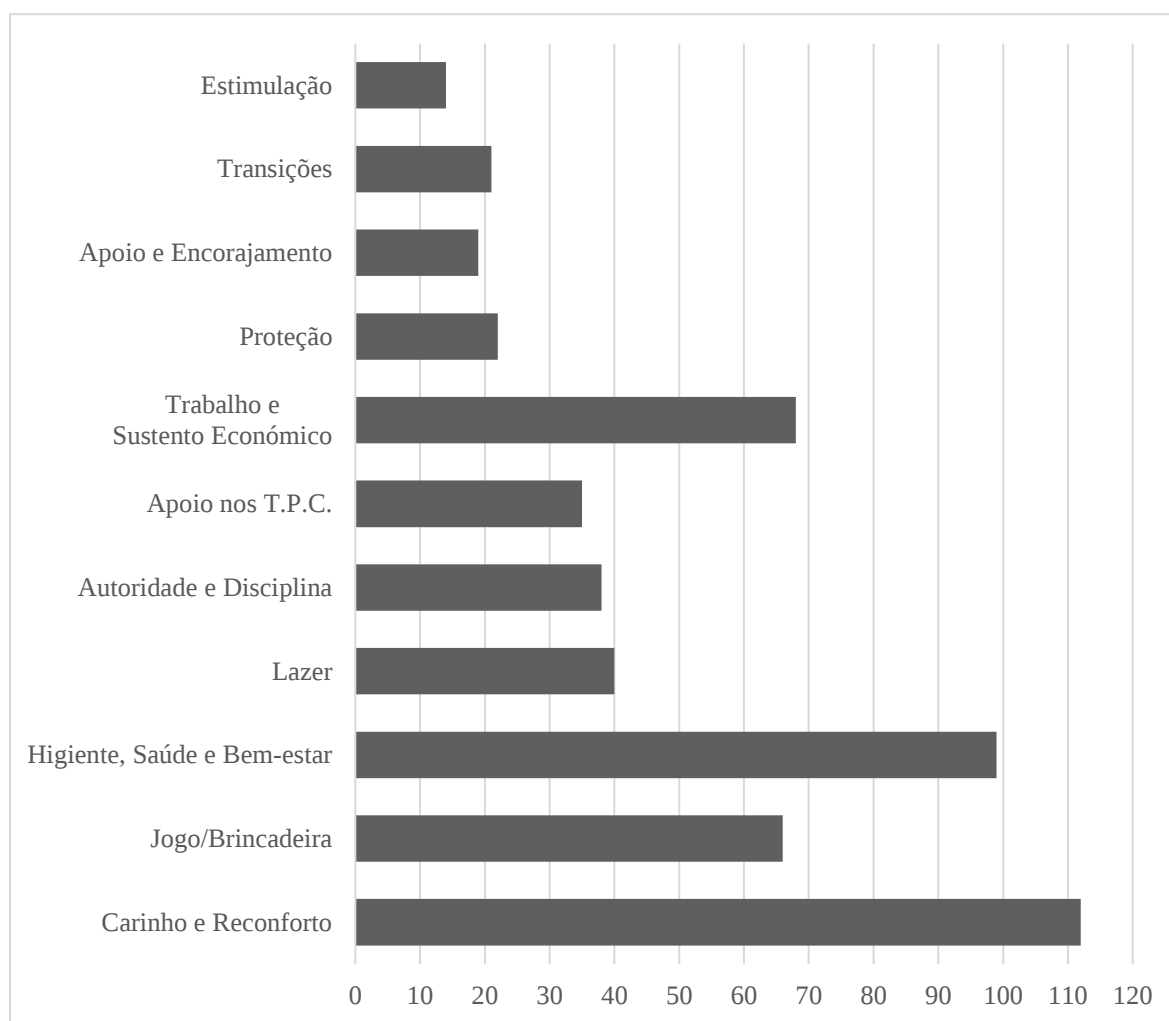
(1) Carinho, Amor e Reconforto (65.50%) – *“Tratá-lo bem, ajudá-lo quando ele precisa e dar-lhe carinho”*; *“Ser carinhoso e, às vezes, ser calmo. E também saber amar”*;

(2) Cuidados e Preocupações com a Saúde, Higiene e Bem-Estar (57.89%) – *“Cuidar de mim. Levantar a minha mochila quando leva muitas coisas”*; *“Para mim ser pai é ter a responsabilidade de cuidar dos filhos”*;

(3) Trabalho e Sustento Económico (39.77%) – *“Ganhar dinheiro para dar comida e roupas para não terem fome nem terem frio”*; *“Pagar a nossa escola”*;

(4) Jogo/Brincadeira (38.60%) – *“Brincar com o pai, jogar”; “Joga futebol, basquete”;*

Figura 2. Ordem de importância atribuída às subcategorias pelas crianças com uma representação unicategorial



(5) Lazer (23.39%) – *“Fazer desporto, sair com eles a passear”; “Levar os filhos para apanhar ar e para se divertirem”;*

(6) Autoridade e Disciplina (22.22%) – *“Às vezes os pais ralham, mas é para o nosso bem”; “Têm de dar educação aos filhos. Para nos dar conselhos”;*

(7) Apoio nos T.P.C. (20.47%) – *“Ajuda nos trabalhos de casa. Corrige os trabalhos de casa”; “Estuda comigo”;*

(8) Proteção (12.87%) – *“Saber se ninguém os trata mal, se ninguém os assusta sem qualquer razão”*; *“Saber defender a família”*;

(9) Transições (12.28%) – *“Tem que levar os filhos à escola”*; *“Leva-me para o futebol”*;

(10) Apoio Emocional e Encorajamento (11.11%) – *“Ter orgulho do filho”*; *“Para mim, ser pai, é quando me porto bem me dares uma prenda. É quando vamos ao McDonald’s e como o que quero.”*;

(11) Estimulação (8.18%) – *“E ensinar-lhe coisas novas”*; *“Ele ensina-me a fazer coisas do ginásio”*.

A alternância relativamente à importância conferida a formas de envolvimento características ora do sistema de vinculação, ora do sistema de exploração é semelhante, como se pode observar nas figuras 1 e 2.

Como tal, Carinho, Amor e Reconforto mantêm-se sempre as atitudes mais esperadas por parte das crianças participantes, que também colhe uma notável importância aos Cuidados e Preocupações com a Saúde, Higiene e Bem-Estar. Como menos valorizadas, surgem o Apoio Emocional e Encorajamento, a Estimulação e as Transições.

É na zona intermédia desta classificação que surgem as maiores diferenças. As crianças que consideram apenas uma categoria (sendo a mais frequente Porto Seguro), valorizam mais o Trabalho e Sustento Económico do que o Jogo/Brincadeira e o Lazer. Mas também a Autoridade e Disciplina e o Apoio nos T.P.C. A Proteção, é tida como exceção nesta descrição, uma vez que se mantém com igual importância atribuída.

Quando nos referimos às crianças que descreveram ambas as categorias, verifica-se uma diferença mais acentuada nas categorias Cuidados e Preocupações com a Saúde, Higiene e Bem-Estar e Trabalho e Sustento Económico em relação às restantes subcategorias, comparativamente com as crianças que referem apenas uma das categorias. Verifica-se, assim, que em crianças cuja representação social do papel do pai engloba a função de Base Segura Para Exploração, bem como a função de Porto Seguro expectam menos que o pai cumpra a responsabilidade dos Cuidados e Preocupações com a Saúde, Higiene e Bem-Estar, tal como o Trabalho e Sustento Económico.

Figura 3. Ordem de importância atribuída às subcategorias pelas crianças com uma representação bicategorial – Base Segura Para Exploração

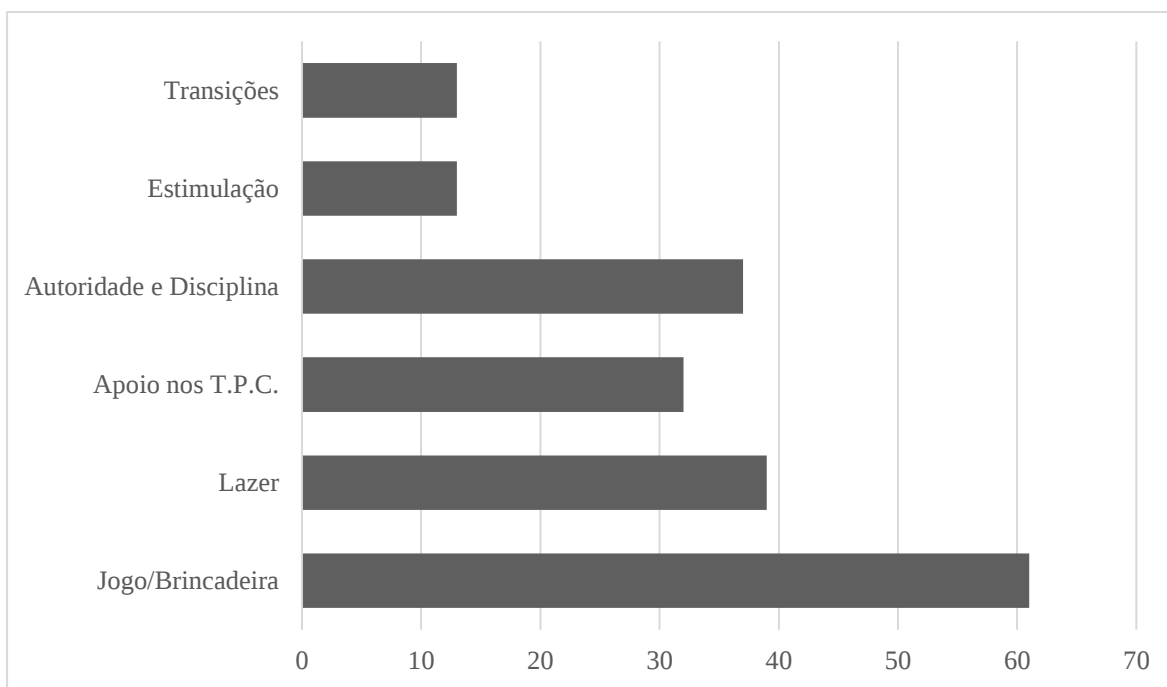
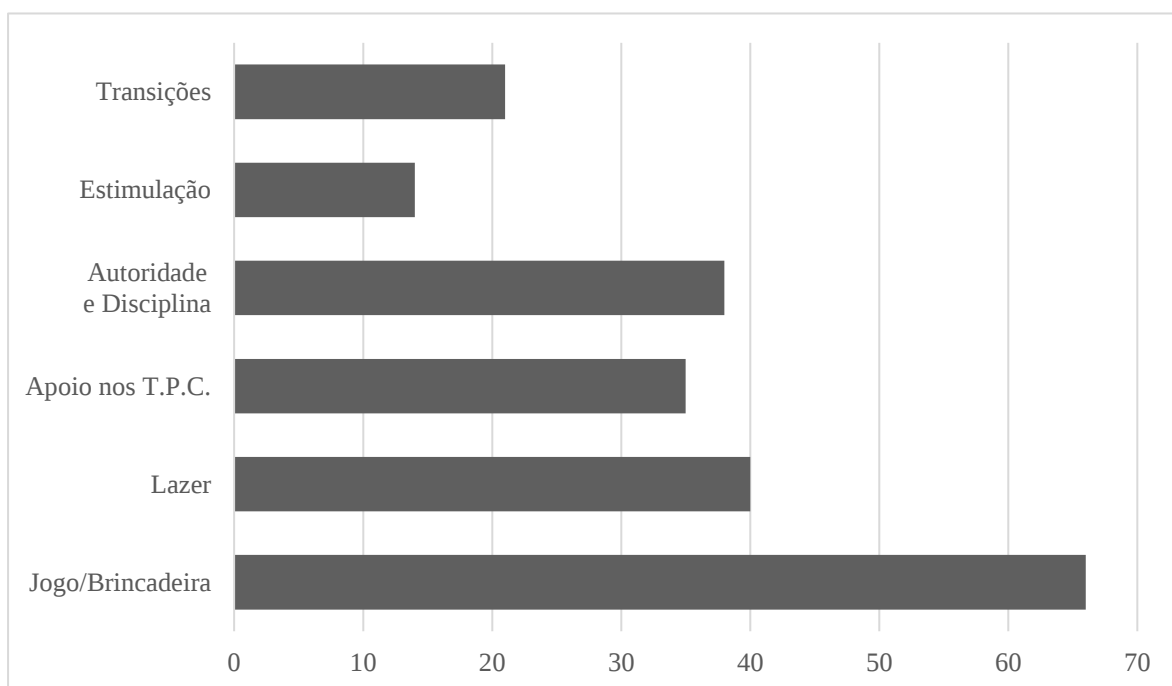


Figura 4. Ordem de importância atribuída às subcategorias das crianças com uma representação unicategorial – Base Segura Para Exploração



Entre as crianças cuja representação social do papel pai engloba ambas as categorias e as crianças cuja representação envolve apenas uma destas, não há diferenças na importância atribuída a cada subcategoria, dentro da categoria integradora. Pelo que, dentro da categoria Base Segura Para Exploração, tanto as crianças com uma representação bicategorial como as crianças com uma representação unicategorial, atribuíram a mesma ordem de importância às subcategorias integrantes: Jogo; Lazer; Autoridade e Disciplina; Apoio nos T.P.C., Transições e Estimulação. As figuras 3 e 4 procuram representar isto mesmo.

O mesmo acontece na categoria Porto Seguro, cuja ordem de importância reconhecida às subcategorias integrantes é: Carinho, Amor e Reconforto; Cuidados e Preocupações com a Saúde; Higiene e Bem-Estar; Trabalho e Sustento Económico; Proteção e Encorajamento e Reforço Positivo, como ilustram as figuras 5 e 6.

Figura 5. Ordem de importância atribuída às subcategorias das crianças com uma representação bicategorial – Porto Seguro

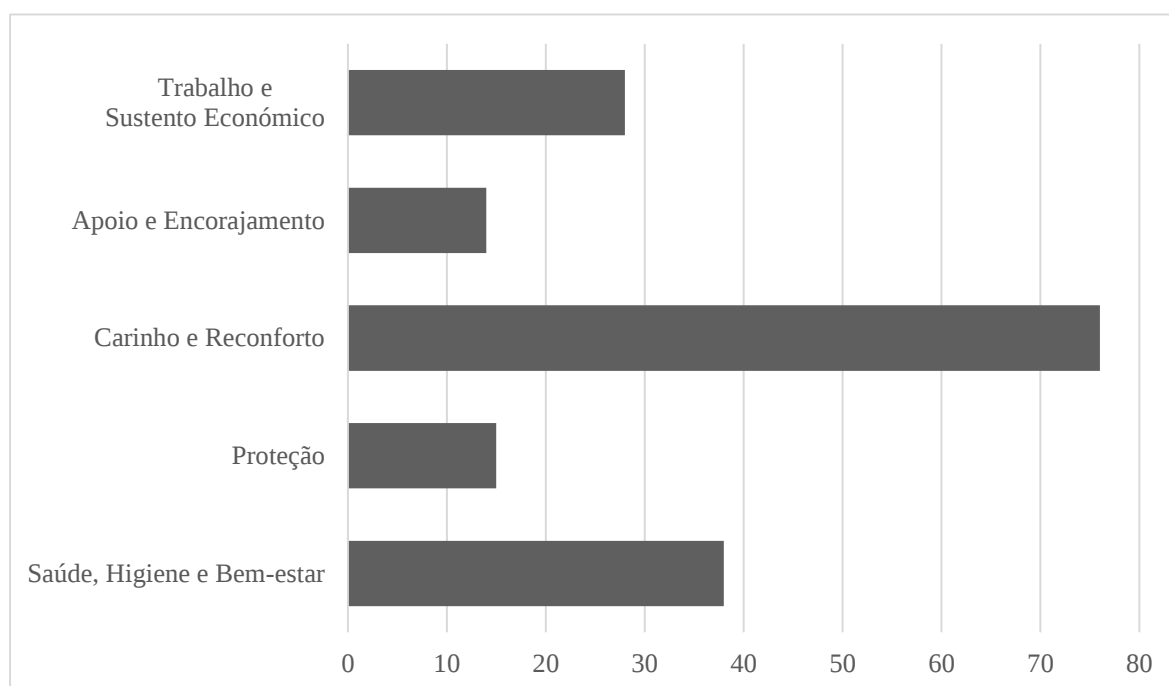
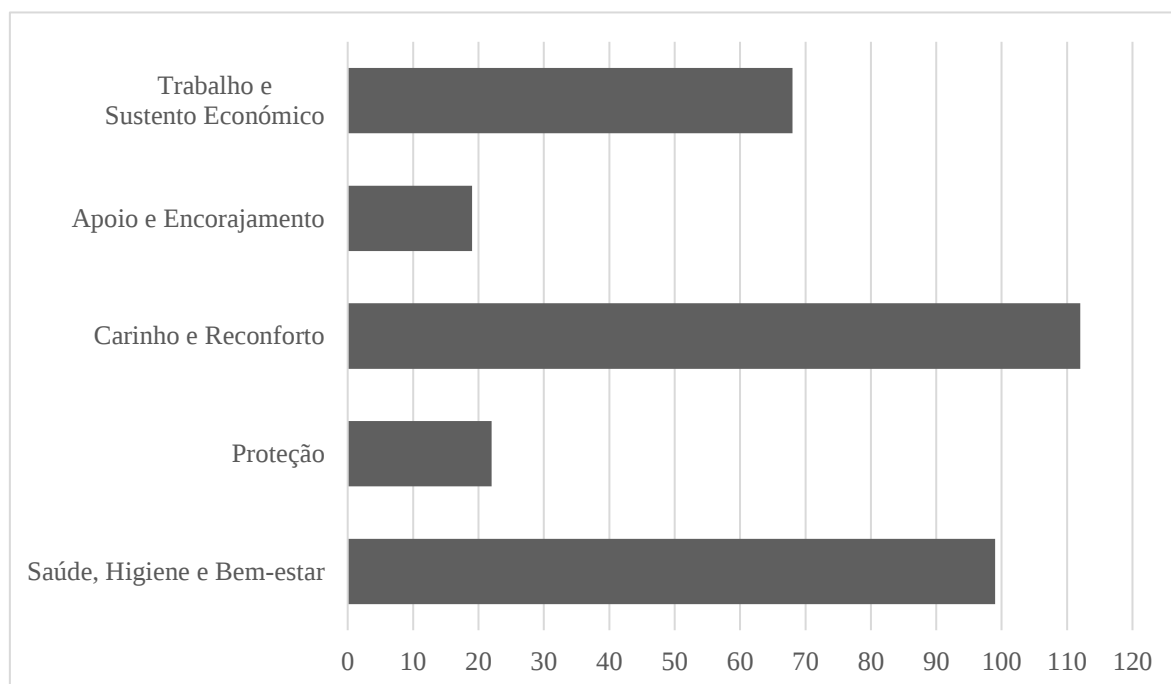


Figura 6. Ordem de importância atribuída às subcategorias das crianças com uma representação unicategorial – Porto Seguro



Discussão e Conclusão

Paralelamente às transformações que se têm feito sentir na sociedade, no domínio económico e cultural, têm ocorrido modificações na estrutura das famílias, o que significa que os papéis a desempenhar, bem como as expectativas a eles associadas, estão a reinventar-se, tal como Biasoli-Alves (1997) e Cerqueira-Silva (2008) sugeriam. O papel do pai é um dos alvos destas transformações.

Do ponto de vista cultural, o papel a desempenhar pela figura paterna está envolto num leque de perspectivas, ora modernistas, ora conservadoras, sofrendo as consequências, tal como chamava à atenção Richard Bowlby (2004), dos múltiplos preconceitos associados.

Em certa medida, tem-se vindo a reduzir a importância que o pai assume para o desenvolvimento da criança e associa-se muitas vezes a figura paterna a uma figura autoritária, ausente, como descrita por Balancho (2004) nos seus estudos sobre a representação social da paternidade. Segundo Godeanu (2019) existe aliás, a crença socialmente partilhada de que “Só uma mãe sabe aquilo que o seu filho precisa”. Ora, se é verdade que o desenrolar destes papéis pode ser influenciado pelo género, é necessário compreender as palavras de Richard Bowlby (2004) quando o autor afirma que estes não são específicos desse mesmo género.

Com efeito, não pode ser ignorada a importância da figura paterna para o desenvolvimento da criança. A sua posição não pode ser considerada secundária, à semelhança da atribuição feita pelo autor John Bowlby, no início da concetualização da Teoria da Vinculação, pois o pai ocupa o papel de Figura de Vinculação Primária.

A representação social que as crianças em idade escolar têm do papel do pai engloba a função de Base Segura Para Exploração e/ou a função de Porto Seguro, papéis estes descritos e estudados por John Bowlby, Mary Ainsworth e Mary Main, autores de referência na área de estudo em questão.

Destaca-se tal confirmação como uma de entre novas análises empíricas que vários autores, tais como Waters e Cummings (2000), consideram necessárias para a manutenção da validade e coerência da Teoria da Vinculação. Assim, paralelamente à enorme capacidade explicativa da Teoria, não pode estar alheia a afirmação de que a figura paterna é tão competente e sensível como a figura materna, indo de encontro aos estudos de vários autores consagrados, tais como Lamb.

Percebemos que a maioria das crianças perspetiva o pai como Base Segura Para Exploração e como Porto Seguro, os dois componentes básicos numa Relação de Vinculação Primária. Se o papel do pai assim for desempenhado, há um aumento significativo da probabilidade da criança ter um contexto positivo para o seu desenvolvimento e, deste modo, ser bem-sucedida. Segundo John Bowlby (1988), há também um aumento significativo na probabilidade da criança, ao longo do seu ciclo vital, usufruir de uma boa saúde mental.

Uma vez que a Vinculação Segura se traduz num uso adequado da Base Segura Para Exploração, ao longo do tempo e consoante o contexto e a natureza das situações, assim como no desenvolvimento da confiança na Figura de Vinculação e na responsividade das respostas da mesma, há a oportunidade de serem criados modelos dinâmicos internos do *Self* e da Figura de Vinculação, seguros. Estes modelos funcionam como uma das principais características do funcionamento da personalidade e da saúde mental. Assim, tal como Gomes e Resende (2004) afirmam, os pais têm hoje a sua importância reconhecida ao longo do processo de desenvolvimento dos filhos. Inicia-se aquele que, nas palavras de Lewis e Lamb (2003), é o processo mais produtivo; o de reconhecimento da existência de semelhanças nos padrões de interação das figuras parentais, nomeadamente, o facto de ambos serem sensíveis às características e competências dos filhos, ajustando os seus comportamentos nas interações com os mesmos.

Curiosamente, verificámos que quando a representação social do papel do pai tem subjacente apenas um destes sistemas, é maioritariamente atribuído à sua figura o papel de Porto Seguro. Este resultado nega a tendência científica e cultural de traduzir a importância do papel paterno apenas como Base Segura Para Exploração, nomeadamente como companheiro de Jogo/Brincadeira. Aliás, os resultados indicam que todas as crianças que participaram neste estudo (e referiram pelo menos uma das categorias) valorizam, antes de mais, o Carinho e Reconforto provenientes da figura paterna - *“Amor”*; *“Ter paciência”*.

O Carinho e Reconforto engloba, naturalmente, proximidade física com a Figura de Vinculação - *“Ser pai é dar carinho, amor e beijinhos nos nossos filhos”*; *“Também estar a fazer companhia ao filho”* mas, também, disponibilidade no sentido de dar assistência, compreender e escutar; necessidades, de acordo com Kerns (2006), priorizadas nesta etapa de desenvolvimento - *“Falar segredos com ele”*; *“Num momento que nós estamos tristes, ele tenta sempre ajudar-nos. Se quisermos desabafar, é uma pessoa ideal”*.

Quando a função de Base Segura Para Exploração é, do mesmo modo, valorizada como a função de Porto Seguro surge, depois do Carinho e Reconforto, o Jogo/Brincadeira - *“Jogar à bola”*; *“Joga comigo Wii, jogos de tabuleiro, joga às cartas e joga Nintendo X”* - e os Cuidados e Preocupações com a Saúde, Higiene e Bem-Estar - *“Dá-me banho”*; *“Mudar a fralda, embalá-los”*.

Mais uma vez este resultado demonstra que não é mais atribuído à figura paterna somente o jogo e a brincadeira, em detrimento dos cuidados à criança e tarefas domésticas. Parece diluir-se, deste modo, a divisão dos papéis parentais com base nas relações de género, suportadas pela cultura. Da mesma forma, é esperado que o pai promova momentos de afeto e de disponibilidade, o que rompe com a ideia de Masculinidade Hegemónica.

As atividades de Lazer que, por definição, são atividades não centradas na criança, ganham peso nesta faixa etária. Aqui, as crianças conseguem, com mais facilidade, descentrarem-se de si mesmas e direcionarem o foco para o exterior. Esta é também uma faixa etária em que as crianças começam a criar uma relação mais igualitária e cooperativa com as Figuras de Vinculação, pelo que a prática de atividades prazerosas, ora para o cuidador, ora para a criança, começam a despertar mais interesse - *“Também ser pai é uma pessoa que vai connosco a sítios”*; *“Levar-nos a dançar, a festas de aniversário”*.

Numa etapa de vida em que a escola e o aumento das responsabilidades são uma realidade diária e desafiadora, é também esperado que faça parte deste papel a Autoridade e Disciplina - *“Dar-lhe educação”*; *“Impôr regras não muito difíceis nem pesadas para ser educado”* - e o Apoio nos T.P.C. - *“Ele é que corrige os exercícios”*; *“O pai consegue-me ajudar mais na escola”*. No entanto, estas tarefas são partilhadas com outras figuras significativas, sejam estas docentes ou amigos mais íntimos, o que pode explicar que não lhes seja atribuída tanta importância como outras formas de envolvimento acima referidas. Uma outra explicação é a diminuição da rigidez e proeminência das perspetivas conservadoras e sexistas, que deslaçam do papel do pai o carácter autoritário.

Já mais distante daquilo que é o cerne da representação social do papel do pai, está o Trabalho e Sustento Económico - *“Trabalhador, para dar de comer aos filhos”*; *“Tenho de encontrar um emprego”*. Resultado que nega, também, as diferenças de género impostas pela cultura e perspetiva conservadora do papel do pai.

A Proteção - *“Pesquisar com o seu filho para que não ponha vírus no computador”*; *“É perguntar a um filho quem são os amigos e ir ver se eles, os amigos, são ideais, ter*

conhecimento no que os filhos estão metidos” - perde, naturalmente, importância numa idade em que outras exigências se priorizam, nomeadamente a autonomia na exploração do ambiente e resolução de problemas. Em contrapartida, e possivelmente interligado, surge o Apoio Emocional e Encorajamento, sendo necessária autoestima e, por vezes, orientação por parte de um cuidador para dar continuidade à exploração - “Dar confiança que vai conseguir fazer o teste”; “Dava-lhe um brinquedo baratinho e também se ele se portasse bem”.

Surgem, também, as Transições, uma vez que as crianças em idade escolar passam a realizar mais tarefas sem a presença do cuidador e fora de casa. A escola é um exemplo diário desta nova rotina, sendo que a criança ainda não tem possibilidade de se deslocar sozinha - “Dar boleia”; “O pai pode levar mais longe porque tem carro”.

A Estimulação surge com menos destaque, numa fase em que as aprendizagens já não ocorrem ao ritmo registado em idades mais precoces. Para além disso, é também uma responsabilidade partilhada com outras figuras de vinculação - “Ensina a andar de bicicleta, a andar”; “É ensinar aos filhos coisas novas”.

A alternância visível entre formas de envolvimento características, ora do sistema de vinculação, ora do sistema de exploração, começando por ser atribuída mais importância a uma forma de envolvimento típica do primeiro sistema e, por último, a uma especificação do sistema de exploração, recorda-nos a importância que refere Kerns (2015) de que haja alguém que nos ofereça conforto, para existir a confiança necessária para explorar o mundo.

Entre as crianças que referiram apenas uma das categorias, sendo a categoria Porto Seguro a mais frequente, naturalmente as formas de envolvimento específicas do sistema de vinculação ganham importância, sendo possível assistir a um decréscimo da importância garantida ao sistema de exploração, na generalidade.

A consistência destes resultados parece aumentar ao verificarmos que, ora as crianças que referem ambas as categorias, ora as crianças que referem apenas uma destas, seja no sistema de vinculação, seja no sistema de exploração, a importância atribuída a cada forma de envolvimento é a mesma, verificando-se a mesma ordem de subcategorias quando o critério é a frequência.

Verificámos que a figura paterna assume predominantemente o papel de providenciar um Porto Seguro. Este resultado é sustentado pela literatura que explica que, em famílias onde existem dois cuidadores primários, um deles opta mais por uma destas funções em detrimento da outra, não esquecendo que existirão, também, vários níveis de sobreposição

entre estes dois papéis. Esta e outras verificações, permitem-nos afirmar que, a representação social do papel do pai destas crianças, não é concordante com os ideais de Masculinidade Hegemónica, das Diferenças de Género e da Perspetiva Conservadora que, ainda, influenciam a estrutura das famílias. Foi mais valorizado o Carinho e Reconforto, os Cuidados e Preocupações com a Saúde, Higiene e Bem-Estar, do que formas de envolvimento características destas perspetivas, como o Trabalho e Sustento Económico e a Autoridade e Disciplina, a par de surgirem muitas outras interações que demonstram o “Novo Pai”, como o Jogo/Brincadeira, Lazer, Apoio nos T.P.C, Encorajamento, Estimulação.

As subcategorias que foram surgindo demonstram também a mudança que há no objetivo do Sistema de Vinculação ao longo do crescimento. Explorar o ambiente, brincar, incluir atividades variadas com os pares é uma componente básica. Portanto, na adaptação humana, o papel de suporte à exploração é essencial para que sejam promovidas a flexibilidade e a capacidade de resolução de problemas características e exclusivas da nossa espécie.

Neste momento do ciclo de vida, segundo Ainsworth (1990), as crianças têm como principal desejo que os pais, responsivos e disponíveis, ajam em conformidade com os seus superiores interesses, e não mais com o objetivo de proximidade *per si*.

Os resultados do nosso estudo vão de encontro à definição de “Novo Pai”; um pai participativo, envolvido no dia a dia da criança e na sua educação, priorizando e garantindo às crianças um ambiente seguro, preservando o desenvolvimento e a estabilidade emocional dos seus filhos, através da capacidade de ser sensível, compreensivo e dialogante, de estar presente na vida da criança, partilhar a autoridade, ser descontraído e lúdico. Surge uma realidade de coparentalidade em que ambos os pais partilham responsabilidades e tarefas nos domínios financeiro, doméstico e nos cuidados das crianças, pelo que, a divisão baseada no género é diluída (Deutsch, 2001; Cabrera et al.,1999; Cabrera, Tamis-LeMonda, Bradley, Hofferth, & Lamb, 2000, citado por Monteiro, 2007).

Atribuímos ao conceito de representação social a importância de funcionar como um instrumento de análise da mudança social e cultural, bem como da resistência a esta (Castro e Batel, 2008; Howarth, 2006; Moscovici, 1972, citado por Vala & Castro, 2013) pois o ser humano elabora teorias, crenças e atitudes sobre a realidade social através da interação

social, da comunicação quotidiana, as quais ocorrem em contextos sociais diferenciados, desde o microssistema até ao macrosistema.

Diversos investigadores têm concluído que as crenças associadas à parentalidade têm efeito na construção da relação cuidador-criança. Estas crenças fazem parte de um discurso sistémico transgeracional e estão fortemente associadas aos papéis parentais, que são transmitidos de cultura em cultura, de família em família.

Esperamos, assim, que esta representação em construção do papel do pai concretize, de forma sustentada, a ideia fundamental de que o pai é uma Figura de Vinculação Primária, mudando a importância que se dá ao homem enquanto cuidador e reconhecendo que a sua relevância na história da criança tem “igual valor” à da mãe. Estaremos, por conseguinte, a dar continuidade e solidez à preconização de uma maior valorização do papel do pai que o autor da Teoria da Vinculação não pôde descartar, cumprindo um dos objetivos teórico-práticos priorizados pelo seu herdeiro, Richard Bowlby.

Como afirma Moscovici (1984), muitas destas “novas” representações são continuamente fornecidas à sociedade pela ciência, pelos seus saberes e pelos seus praticantes, para além de todos os outros sistemas sociais. Pelo que este é, também, um objetivo do nosso trabalho.

Referências Bibliográficas

- Afonso, A., Veríssimo, M., Fernandes, M., & Borges, P. (2011). Associações entre o envolvimento paterno e a competência social de crianças em contexto pré-escolar. *Psicologia, Educação e Cultura*, 15, 43-60.
- Anastasi, A., & Urbina, S. (2000). *Testagem psicológica* (7ª ed.). Porto Alegre: Artmed Editora.
- Balancho, L. S. (2004). Ser pai: Transformações intergeracionais na paternidade. *Análise Psicológica*, 22 (2), 377-386
- Barbosa, R., Matos, P. M., & Costa, M. E. (2011). O corpo e os afectos: família e a vivência corporal in Paula Mena Matos, Cidália Duarte e Maria Emília Costa (Ed.) *Famílias: questões de desenvolvimento e intervenção* (37-57). Porto: Livpsic.
- Bardin, L. (2011). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Benczik, E. B. P. (2011). A Importância da Figura Paterna para o Desenvolvimento Infantil. *Revista Psicopedagogia*, 28(85), 67-75.
- Bowlby, J. (2005). *A Secure Base: parent-child attachment and healthy human development*. USA: Basic Books.
- Bowlby, R., & King, P. (2004). *Fifty Years Of Attachment Theory*. London: KARNAC.
- Cabrera, N. J., & Tamis-LeMonda, C. S. (2012). *Handbook of Father Involvement: Multidisciplinary Perspectives*. London: Lawrence Erlbaum Associates.
- Damiani, C. C. (2014). *A Ausência Física e Afetiva do Pai na Percepção dos Filhos Adultos Mãe* (tese de mestrado não publicada). Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), Brasil.
- Del Giudice, M. (2015). Attachment in middle childhood: An evolutionary–developmental perspective. *Attachment in middle childhood: Theoretical advances and new*

directions in an emerging field. New Directions for Child and Adolescent Development, 148, 15–30.

Devreux, A. M. (2007). New Fatherhood" in Practice: Domestic and Parental Work Performed by Men in France and in the Netherlands. *Journal of Comparative Family Studies, 38, 87-103.*

Dias, S. P. S. (2017). *O Envolvimento Paterno em Situação de Divórcio/Separação Conjugal – Um Estudo Exploratório* (tese de mestrado não publicada). Universidade do Porto, Portugal.

Drago, Á. B., & Menandro, M. C. S. (2014). A paternidade e a maternidade sob o olhar de jovens de classe média e baixa: um estudo em representações sociais. *Revista Colombiana de Psicologia, 23(2), 311-324.* DOI: 10.15446/rcp.v23n2.40672.

Eteniger, M. F. O., & Brito, R. S. (2009). Ações de cuidado desempenhadas pelo pai no puerpério. *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem, 13, 595-601.*

Faria, A., Santos, P. L., & Fuertes, M. (2014). Pais e mães protegem, acarinham e brincam de formas diferentes. *Análise Psicológica, 32(4), 419-437.* DOI: <https://dx.doi.org/1014417/ap.32.3.698>.

Ferreira, T., Cadima, J., Matias, J., Vieira, J., Leal, T., & Matos, P. M. (2016). Preschool Children's Prosocial Behavior: The Role of Mother–Child, Father–Child and Teacher–Child Relationships. *Journal of child and Family Studies, 25, 1829–1839.* DOI: 10.1007/s10826-016-0369-x.

Fernandes, M., Veríssimo, M., Santos, A. J., Ribeiro, O., Vaughn, E. B., Gastelle, M., & Kerns, K. A. (2020): Measurement invariance across mother/child and father/child attachment relationships. *Attachment & Human Development, 1-19.* DOI: 10.1080/14616734.2019.1710222

Gaspar, T., & Matos, M. G. (2016). Escala de avaliação das Práticas Parentais: Controlo e Aceitação. *Revista de Psicologia da Criança e do Adolescente, 7:1-2, 509-522.*

Godeanu, C. D. (2019). Parenting Mythology. *Journal of Experiential Psychotherapy, 22, 43-51.*

- Gomes, J. S. A., & Resende, V. R. (2004). O pai presente: o desvelar da paternidade em uma família contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20(2), 119-125. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722004000200004>
- Kerns, K. A., Mathews, B. L., Koehn, A. J., Williams, A. J., & Siener-Ciesla, S. (2015). Assessing both safe haven and secure base support in parent–child relationships. *Attachment & Human Development*, 1-17. DOI: 10.1080/14616734.2015.1042487.
- Kerns, K. A., Tomich, P. L., & Kim, P. (2006). Normative Trends in Children’s Perceptions of Availability and Utilization of Attachment Figures in Middle Childhood. *Social Development*, 15, 1-22.
- Lamb, M. E. (2010). *The Role Of The Father In Child Development* (5ªed.). New Jersey: John Wiley & Sons.
- Landis, R. J., & Koch, G. G. (1977). The Measurement of Observer Agreement for Categorical Data. *International Biometric Society*, (33), 159-174. DOI: 192.168.82.209
- Lemos, M. S., Gamelas, A. M., & Lima, J. A. (2013). *Instrumentos de investigação desenvolvidos, adaptados ou usados pelo Grupo de Investigação Desenvolvimental, Educacional e Clínica com Crianças e Adolescentes*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Lewis, C., & Dessen, M. A. (1999). O Pai no Contexto Familiar. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 15, 9-16.
- Lima, J. A., Serôdio, R. G. & Cruz, O. (2009). *Escala de Responsabilidade Parental — Versão Pai*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Lima, J. A., Serôdio, R. G. & Cruz, O. (2009). *Guião de Entrevista— Interação e Acessibilidade*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.

- Lima, J. A., Serôdio, R. G., & Cruz, O. (2011). Pais responsáveis, filhos satisfeitos: As responsabilidades paternas no quotidiano das crianças em idade escolar. *Análise Psicológica*, 29, 567-578.
- Lima, J. A., (2009). *O Envolvimento do Pai no Processo Desenvolvidor da Criança em Idade Escolar: Formas, Factores e Consequências*. (Dissertação de Doutoramento). Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Lima, J. A. (2008). O tempo e as formas de envolvimento do pai em tarefas de socialização dos filhos em idade pré-escolar. *Atas do 1º Congresso Internacional em Estudos da Criança*. Braga, Portugal.
- Lima, J. A. (2001). *Processos de Socialização da Criança em Idade Pré-Escolar: Estudo Exploratório sobre o Envolvimento Paterno Exploratório* (tese de mestrado não publicada). Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Lima, J. A., Serôdio, R. G. & Cruz, O. (2011). *Sistema da Codificação da Acessibilidade e Interação Paterna – SCAIP*. Porto: Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Martins, M. G. C. (2016). *Validação da Security Scale para a População Portuguesa: Análise Fatorial Confirmatória e Estudo Empírico da Vinculação na Pré-adolescência* (tese de mestrado não publicada). ISPA - Instituto Universitário de Ciências Psicológicas, Sociais e da Vida, Portugal.
- Melo, A. T., & Alarcão, M. (2015). Instrumentos para Avaliação da Capacidade Parental e Familiar em Situações de Risco. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 31, 73-85. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-37722015010753073085>
- Merlim, B., Matias, M., Ferreira, T., & Matos, P. M. (2019). Parent's and Children's Emotion Regulation and the Work–Family Interface. *Journal of Marriage and Family*, 81, 1110–1125. DOI: 10.1111/jomf.12597
- Misca, G., & Smith, J. (2014). Mothers, Fathers, Families and Child Development. *Contemporary Issues in Family Studies: Global Perspectives on Partnerships, Parenting and Support in a Changing World*, 1, 151-164.

- Monteiro, L. M. S. (2007). *Análise do Fenómeno de Base Segura em Contexto Familiar: A Especificidade Das Relações Criança/Mãe E Criança/Pai Exploratório* (tese de doutoramento não publicada). Universidade Nova de Lisboa, Portugal.
- Monteiro, L., Veríssimo, Santos, A. J., & Vaughn, B. E. (2008). Envolvimento paterno e organização dos comportamentos de base segura das crianças em famílias portuguesas. *Análise Psicológica*, 3, 395-409. DOI: <https://doi.org/10.14417/ap.502>
- Newland, L. A., & Coyl, D. D. (2010). Fathers' role as attachment figures: an interview with Sir Richard Bowlby, *Early Child Development and Care*, 180:1-2, 25-32. DOI: 10.1080/03004430903414679.
- Nunes, F., Mota, C.P., & Costa, M. (2020). Short Form Version of the Father and Mother Attachment Questionnaire (FMAQ). *Journal of Child and Family Studies*, 29, 1187–1199. DOI: <https://doi.org/10.1007/s10826-019-01672-6>
- Oliveira, A. G., & Silva, R. R. (2011). Pai contemporâneo: Diálogos entre pesquisadores brasileiros no período de 1998 a 2008. *Psicol. Argum.*, 29, 353-360.
- Oliveira, R. (2014). *A Assunção de Responsabilidades dos Pais com Filhos Adolescentes* (tese de mestrado não publicada). Universidade do Porto, Portugal.
- Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). *Desenvolvimento Humano* (12ªed.). Porto Alegre: AMGH Editora.
- Potter, J. (2019). Action and representation – A comment on Batel and Castro ‘Re-opening the dialogue between the theory of social representations and discursive psychology’. *British Journal of Social Psychology*, 58, 410–414. DOI: 10.1111/bjso.12275.
- Ramos, P. (2008). *Pai, Mãe e Família: Concepções de Crianças Pré-Escolares* (tese de mestrado não publicada). Universidade De Brasília, Brasil.
- Ramos, V. S. (2007). *Estudo Preliminar do Parental Bonding Instrument: Adaptação de um Instrumento de Medida* (tese de mestrado não publicada). Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), Portugal.

- Seibert, A., & Kerns, K. (2009). Attachment figures in middle childhood. *International Journal of Behavioral Development*, 33, 347-355. DOI: 10.1177/0165025409103872.
- Silva, C. (2019). *Trajetórias desenvolvimentais de atletas de hóquei em patins feminino* (tese de mestrado não publicada). Universidade do Porto, Portugal.
- Silva, D. (2013). *A Assunção de Responsabilidades Parentais e a Representação Social das Crianças Relativamente a Ser Pai e a Ser Mãe* (tese de mestrado não publicada). Universidade do Porto, Portugal.
- Simões, R., Leal, I., & Maroco, J. (2010). *Escala de Envolvimento Paterno: Estudo de Validação de um Instrumento*, 1-19. Lisboa: Placebo, Editora LDA
- Teixeira, V., Lima, J. A., & Cruz, O. (2008). Mãe para mim, pai para ti: o uso do tempo das crianças e as actividades de interacção com os pais. *INFAD Revista de Psicologia/International Journal of Developmental and Educational Psychology*, 4, 91-100.
- Vala, J., & Monteiro, M. B. (2013). *Psicologia Social* (9ª ed.). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Veríssimo, M., Monteiro, L., & Santos, A. (2006). *Para além da mãe: Vinculação na tríade mãe-pai-criança*. 73-85. Lisboa: Unidade de investigação em Psicologia Cognitiva do Desenvolvimento e da Educação, ISPA
- Vieira, E. N., & Souza, L. (2010). Guarda paterna e representações sociais de paternidade e maternidade. *Análise Psicológica*, 4, 581-596.
- Wagner, A., Predebon, J., Mosmann, C., & Verza, F. (2005). Compartilhar Tarefas? Papéis e Funções de Pai e Mãe na Família Contemporânea. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 21, 181-186.
- Waters, E. (1987). *Attachment Q-set* (Version 3), 1-27. Consultado janeiro de 2020 em <http://www.johnbowlby.com>.

Anexos

Anexo 1. Análise de conteúdo das redações

Categorias	Subcategorias	Unidades de Análise
Base Segura Para Exploração	Jogo/Brincadeira	4. “Brincar com ele” 7. “É ser brincalhão” 8. “Podemos brincar com ele, jogar” 9. “É brincar com os filhos” 13. “Jogar com eles” 17. “O meu pai brinca comigo, joga futebol comigo.” 30. “Brincar com os meus filhos” 31. “Brincar com os nossos filhos” 32. “Brincar um bocadinho com eles” 34. “Brincar com eles” 35. “Brincava com eles” 39. “Brinca com eles” 40. “Cantar músicas” 41. “Os pais brincam connosco” 45. “Ser pai é jogar jogos com os filhos, brincar com os filhos” 47. “Jogar comigo na consola” 47. “Brinca comigo” 47. “Fazer puzzles” 49. “Joga futebol, basquete”

49. “Os pais são melhores a fazer cócegas”
50. “Brinca”
51. “Jogar à bola”
55. “Brincar com os filhos”
56. “Brincar com os seus filhos”
59. “Joga comigo *Wii*, jogos de tabuleiro, joga às cartas e joga *Nintendo X*”
59. “Brinca connosco e está sempre a fazer piadas”
61. “Maior parte das vezes os pais brincam com os seus filhos”
63. “Os pais gostam mais de brincar com os filhos”
64. “Brincar comigo”
66. “Fazer brincadeiras com os filhos”
66. “Divertir os filhos”
66. “Eu gosto de brincar com o papá às escondidinhas”
67. “Fazer acrobacias”
67. “Brincam”
67. “Brincar com o meu pai às profissões de médicos, jogar Monopólio”
- 70.” Brincar”
71. “Brincar com eles”
72. “O meu pai brinca muito comigo”
72. “Divertir os filhos”
73. “Brincar com os filhos”

74. “Os pais gostam de jogos de ação”
75. “Brincar com os filhos”
76. “Brincar connosco”
76. “Jogar futebol, basquete”
82. “Brincar com o filho”
83. “Brincar”
88. “Brincar com os filhos”
89. “Ir brincar com os filhos”
90. “Joga connosco”
91. “Ser pai é brincar com os filhos”
101. “Brincar com eles”
103. “Brincar com os meus filhos”
107. ”Para mim ser pai é jogar comigo, brincar comigo”
109. “Para mim um pai pode brincar com os filhos”
110. “Jogar e brincar”
112. “Brincar”
114. “Fazer jogos em casa”
118. ” Para mim ser pai é quando jogamos futebol”
120. “Brincar com os filhos”
121. “Brincar com o meu filho”
124. ”Brincar comigo ao futebol, às escondidinhas, ao tubarão, às casinhas e podia jogar comigo *Play Station*”
126. “Brincar, jogar jogos”
127. “Brincar com o pai, jogar”
135. “Brincar”
138. “Brincar com eles”

- 139. “Brincar”
- 142. “Brinco com ele. Estamos quase sempre a brincar”
- 143. “Brincar com os filhos”
- 143. “O meu pai brinca comigo”
- 144. “Brincar com as crianças”
- 147. “Jogar futebol, brincar comigo”
- 148. “Jogar”
- 151. “Brincar com os filhos”
- 153. “O pai precisa de brincar com os filhos”
- 153. “Brincando com os filhos”
- 155. “Brincar com o meu filho”
- 169. “Jogar comigo”
- 174. “Brincar ou jogar comigo”

Lazer

- 8. ”Dar um passeio com ele”
- 17. “O meu pai leva-me a visitar coisas que não conheço e até me leva a Lisboa ao estádio do Benfica para ver os jogadores jogar.”
- 19. ”Os pais também teriam de levar os filhos a passear”
- 21. “Leva-me a passear quando ele vai”
- 29. “Leva-os a passear”
- 30. “Passear com eles”
- 31. “Levá-los a passear”
- 41. “Os pais levam-nos a passear ao parque”
- 47. ”Ouve música”

47. “Ver televisão”
50. “Leva-nos a ver jogos”
54. “Se eu fosse pai, eu levava o meu filho a todos os passeios de estudo ou passeios. Eu levava o meu filho ao cinema. Levava ele ao *bowling*. Inscrevia-o em atividades de desporto. Ia com ele ver jogos de futebol. Levava ao parque para irmos brincar”
55. “Fazer desporto, sair com eles a passear”
61. “Os pais, às vezes, levam os filhotes a ver um jogo de futebol”
63. “Ir passear com eles”
66. “Levar os filhos para apanhar ar e para se divertirem”
77. “O pai é um super-homem, faz tudo o que nós quisermos”
78. “Levar ao parque”
84. “Levar o seu filho a dar um passeio”
85. “Também ser pai é uma pessoa que vai connosco a sítios”
89. “Deve levar os filhos a passear”
89. “O pai leva-nos ao parque”
93. “Levar-nos a dançar, a festas de aniversário”
94. “O pai leva-nos ao futebol”

107. “Levar-me ao parque,
levar-me ao cinema, levar-me à
praia e passear comigo”
115. “Inscrever em atividades
de dança, futebol, para se
distráírem”
120. “Ir ao parque”
126. “Passear”
132. “Leva-me a passear”
133. “É dias de festa, passeios
de camião, ir ao shopping, ir
sempre ao café e é isto o que é
para mim ser pai”
135. “Eu gosto muito que o meu
pai vá à feira dos pássaros
comigo”
138. “Levá-los a passear”
142. “Quando estou com o meu
pai, vou sempre ao
computador”
143. “Ir ao parque com os
filhos”
143. “O meu pai vê filmes
comigo, leva-me a passear ao
rio Douro, leva-me ao antigo
café da minha avó emprestada e
depois vamos a casa dela.”
144. “Levá-las a passear, ao
parque”
145. “Levar-me ao cinema, ao
circo, aos jogos de futebol no
estádio do Dragão”
146. “Levasse ao cinema”
156. “Passear com ele”

168. “Levar os filhos ao cinema, levar os filhos às peças de teatro.”

169.” Ir comigo ao cinema”

170. “Ir passear comigo”

174. “Levar-me a passear”

Apoio nos T.P.C.

1. “Ensinar a fazer os T.P.C.”

4. “Ajudá-lo com os trabalhos da escola”

5. “Ajudá-los nos T.P.C.”

7. “Ajudá-los nos estudos para mais tarde os filhos terem pão na mesa para comer e dar aos netos”

17. “Também se interessa com os meus trabalhos de casa.”

28. “E também ajuda-os nos trabalhos de casa, ensinar-lhes coisas que não saibam”

35. “Eu ajudava os meus filhos a fazer os trabalhos”

37. “Também ajudá-los a fazer o trabalho de casa”

39. “Ajuda-os nos trabalhos da escola”

45. “Ajudar os filhos a fazer exercícios para a escola”

46. “Ele é que corrige os exercícios”

47. “Estuda comigo”

48. “Ensinar o filho a fazer trabalhos”

61. “Se os pais não ajudassem os filhos nos trabalhos de casa, as mães estavam tramadas”

66. “O pai consegue-me ajudar mais na escola”

74. “Ajudar nos trabalhos de casa”

75. “Ajudar nos trabalhos de casa”

78. “Ajudar a fazer os trabalhos de casa”

80. “Ajuda-nos nos trabalhos de casa”

84. “Ajudar o seu filho a fazer os trabalhos de casa.”

88. “Ajuda os filhos a fazer os trabalhos de casa”

90. “Ajuda nos trabalhos de casa. Corrige os trabalhos de casa”

97. “Preocupa-se com as minhas notas”

103. “Ajudar a fazer os T.P.C.”

109. “Ajuda-los a fazer os trabalhos”

137. “Ajudar os filhos a trabalhar”

138. “Ajuda-los quando têm uma dúvida nos trabalhos de casa”

143. “Ajudar ou verificar os trabalhos de casa. O meu pai ajuda-me a fazer os trabalhos de

casa e depois verifica os trabalhos de casa”

144. “Ajudar a fazer os trabalhos de casa”

151. “Ajudar os filhos em algumas coisas da escola”

153. “O pai precisa de ajudar os filhos a fazer os deveres”

156. “Ajudá-lo a compreender os T.P.C.”

157. “Ajudar o filho na escola”

167. “Ajudar-me nos trabalhos”

169. “Quando for preciso, ajudar-me nos trabalhos de casa”

Autoridade e Disciplina

1. “Dar educação”

2. “Dar educação”

2. “Ensinar-lhe a ter respeito”

2. “Ensinar a ser carinhosa”

4. “Dar-lhe educação”

4. “É falar com ele, quando faz coisas de mal”

7. “Para mim ser pai é dar educação aos filhos”

7. “Na educação dos filhos um pai tem de colocar regras”

10. “Tenho que lhe dar educação, não lhe posso dar o que ele quer”

13. “Também temos que os educar”

14. “Educar os filhos”

16. “Dar-lhes educação”

17. "Quando me porto mal ele tenta educar-me."
18. "Impôr regras não muito difíceis nem pesadas para ser educado"
21. "Educa-me"
22. "Têm de dar educação aos filhos. Para nos dar conselhos"
24. "Para lhe dar educação"
28. "Dar-lhes educação"
30. "Eu quero dar educação"
32. "Para mim ser pai, é dar educação aos filhos"
37. "Dar educação a eles"
40. "Ensinar a ter respeito"
44. "Educá-lo"
49. "Às vezes os pais ralham, mas é para o nosso bem"
50. "Nós educamos os filhos"
61. "Educar os filhos"
83. "Contribuir para a educação dos filhos, ser rigoroso com os seus filhos, fazer com que os filhos sejam adultos responsáveis"
87. "Tentar não fumar para não viciar o filho"
88. "O pai é uma pessoa que dá educação"
90. "Dá-nos educação"
98. "Educar os filhos"
104. "Dar educação"
108. "Educá-lo"
135. "Devem dar educação"

	139. “Ensinar os filhos a não fazerem coisas más”
	142. “Falar dos estudos”
	151. “Impôr regras”
	152. “Saber quando é preciso ser bom ou menos bom. Não dizer palavrões para que a educação do filho não seja má”
	156. “Manter regras”
	158. “Vou dar regras, horas para ir brincar”
	163. “É ser responsável por educar os filhos”
	164. “O pai também tem de educar os filhos”
	166. “O pai tem de dar ordens”
Estimulação	4. “E ensinar-lhe coisas novas”
	11. “Ensinar a lavar os dentes”
	24. “Ensiná-los a ter uma boa higiene oral”
	45. “Ensinar a andar de bicicleta”
	47. “Esclarecer dúvidas”
	64. “Ensinar-lhes coisas”
	66. “Ele ensina-me a fazer coisas do ginásio”
	73. “Ensinar os filhos”
	77. “Ensina a andar de bicicleta, a andar”
	83. “Ensinar”
	138. “Ensinar-lhes coisas novas”

139. “Para mim ser pai é
ensinar a ler, ensinar a jogar
futebol, ensinar a falar, a tomar
banho sozinho, dormir sozinho,
defender-se sozinho, escrever,
cantar, andar e gastar pouco.”
144. “Ensinar-lhes coisas”
165. “É ensinar aos filhos
coisas novas”

Transições

8. “Teria que ir buscar o meu
filho à escola, trazê-lo a casa”
11. “Tem que levar os filhos à
escola”
13. “Levar à escola”
16. “Levar à escola”
16. “Depois temos que os ir
buscar à escola”
24. “Levá-los à escola”
39. “Também vai levar os filhos
à escola”
45. “Dar boleia”
46. “Levam-nos à escola”
56. “É buscar os filhos à escola”
57. “Os pais levam os filhos à
escola”
90. “Leva-nos à escola”
113. “Leva-me para o futebol”
128. “Leva-me à escola”
137. “Levar os filhos à escola”
138. “Levar os filhos à escola”
157. “Levar o filho para a
escola”

166. “O pai pode levar mais longe porque tem carro”
167. “Levar-me à escola”
168. “Levar os filhos à escola”
169. “Levar-me à escola”
170. “Levar-me à escola”

Porto Seguro	Cuidados e Preocupações com a saúde, higiene e bem-estar	6. “Para mim ser pai é ser um homem dedicado à família, ser preocupado” 8. “Fazer o comer” 9. “Ele significa para mim um bom pai. O meu pai cuida sempre das suas filhas.” 12. “Quando os filhos estão doentes, eles têm de nos levar ao médico” 14. “Alimentá-los” 15. “Dar alimentos” 15. “Quando estamos doentes têm que nos levar ao médico, têm de cuidar de nós com carinho” 16. “Temos que cuidar dos filhos, dar alimentação, levá-los ao médico quando estão doentes” 18. “Para mim ser pai é ter a responsabilidade de cuidar dos filhos” 20. “Sempre que a filha ou o filho estejam doentes, não tenha
---------------------	---	---

que ser só a mãe a levá-los ao médico mas também o pai”

20. “Ajudar a mãe a tratar dos filhos”

20. “O pai tem de ajudar a mãe na alimentação”

24. “Dizer-lhes para lavar os dentes”

24. “Dizer-lhes que se deitem cedo para dormirem o suficiente”

30. “Dar-lhes comida”

31. “Dar-lhes comida”

34. “Acompanhá-los aonde eles precisarem”

38. “Se os filhos estiverem doentes, nós temos de os levar ao médico”

39. “Ajuda a mãe a tratar dos filhos quando estão doentes”

43. “Para mim o pai e a mãe são iguais porque ambos querem o melhor para os filhos.”

43. “Ajudar a mãe nas tarefas de casa, dar banho ao filho”

44. “Cuidar do filho”

45. “Cozinhar”

47. “Dá-me banho”

49. “Alguns são melhores a cozinhar”

50. “Os pais ajudam as mães nas tarefas domésticas”

50. “Os dois preocupam-se igual com os filhos”

51. “Ser pai é cuidar dos filhos”

52. “Ajudar se se magoarem e cuidar dos filhos em casa ou fora de casa”

53. “Cuidar dos filhos, arranjar coisas”

53. “Cozinhar às vezes, mas sobretudo, cuidar do filho e ajudar a mulher”

55. “Também ajudam a fazer o jantar, colocar a mesa e fazer tarefas domésticas”

56. “Ser pai é ajudar nas tarefas, como por exemplo: ajudar a cozinhar, colocar a mesa, ajudar a colocar a roupa a lavar, colocar a roupa a secar, apanhar a roupa do estendal, passar a ferro e dobrar a roupa”

57. “Ser pai é cuidar dos seus filhos”

58. “Ser pai é cuidar dos seus filhos. Deve dar banho, dar comida e dar água para beber”

58. “Tem de se lavar a casa toda”

59. “Fazem às vezes de comer”

60. “Ir às compras, ajudar a mãe a fazer limpezas, a cozinhar”

61. “Ter muitas responsabilidades”

61. “Cuidar do seu filho e dar comida”

61. “Os pais são importantes nas tarefas de casa; para aquelas mais difíceis que as mães não conseguem fazer”
62. “Mudar a fralda, embalá-los”
62. “Lá em casa, é sempre ou quase sempre o meu pai a fazer o meu jantar, o do meu irmão, o da minha mãe e o dele”
63. “Quando eles forem mais pequenos, dar-lhes a comida, fazer o jantar”
64. “Cuidar dos filhos, acordar a meio da noite quando estão doentes”
64. “Cuidar dele”
66. “Ajudar a mãe nas tarefas”
66. “Ser cuidadoso com os filhos”
66. “Ser pai é dar comida quando o filho tiver fome”
66. “Dizer para não abrir a porta, não falar com estranhos”
67. “Ficar com os filhos quando as mães não podem”
67. “Os pais às vezes cozinham, pelo menos o meu. Há pais que limpam as casas”
67. “Cozinham, põem os filhos mais novos a dormir”
68. “Ter cuidados com os nossos filhos”

69. "Para mim ser pai é cuidar do meu filho, alimentá-lo"

69. "Um pai é muito cuidadoso"

70. "Tem de cuidar do filho"

70. "Cozinhar, cuidar da casa"

70. "Cuidar dos seus filhos, dar de comer, dar banho, adormecer"

71. "Cuidar dos seus filhos"

72. "Ajudar a mãe a arrumar a casa e limpar"

73. "Ser responsável"

73. "Cuidar dos seus filhos"

73. "Cozinhar"

74. "Lavar a roupa, cozinhar, passar a ferro, ajudar nas tarefas de casa"

74. "Preocupam-se igual com os filhos"

75. "Cuidar dos filhos"

75. "Ajudar a cozinhar e arrumar a louça"

75. "Pôr a mesa e se os filhos forem bebés mudar as fraldas"

76. "Fazer tudo para ajudar os filhos quando estão doentes"

77. "Ter cuidado"

78. "Ser responsável e ajudar a mãe a fazer a comida e a passar a ferro"

79. "Ser pai é uma pessoa que cuida de nós"

79. “Ser pai é ser uma pessoa especial que se preocupa com os filhos.”
81. “É Cuidar dele”
82. “Cuidar”
84. “Cuidar do seu filho”
84. “Dar de comer ao seu filho”
84. “Fazer o jantar”
85. “Ser pai é uma pessoa que toma conta dos seus filhos.”
86. “Fazer a comida, ajudar a família”
87. “Ser pai é tratar bem do filho”
88. “Ajuda a mulher a fazer a comida, a arrumar a casa”
89. “Deve cuidar dos filhos”
90. “Leva-nos ao médico quando estamos doentes, trata de nós, cozinha”
92. “Ter muitas responsabilidades”
92. “Levar a mãe e o filho ao médico quando é necessário”
96. “Cuidar”
97. “Para ser um pai é preciso ser cuidadoso”
97. “Interessar-se na minha saúde”
97. “Deve-se preocupar com a família e comigo”
98. “Cuidar deles”

99. “O meu pai cuida de mim e da minha mãe. Dá-me a mim e à minha mãe comida”
- 101.”Tratar dos filhos”
101. “Cozinhar”
106. “Ser pai é cuidar dos filhos. Fazer um grande sacrifício para que tudo corra bem”
107. “Para mim ser pai é ter responsabilidades muito importantes”
117. “Dar vida saudável, não cheirar mal, tomar banho antes do comer, mastigar bem a comida”
118. “Para mim ser pai é cuidar de um filho.”
120. “Para mim ser pai é tratar da família, dos filhos.”
122. “É preciso ter uma enorme responsabilidade e também muita consciência no que é melhor para o filho”
123. “Tratar dos meus filhos, decidir que tenham uma boa alimentação para ficarem saudáveis”
125. “Para ser pai é preciso ser responsável”
128. “Preocupa-se comigo”
130. “Ter uma grande responsabilidade”
131. “Pai é um dos que cuida”

135. “Ter responsabilidade”
135. “O meu pai preocupa-se comigo”
136. “Ajudar na casa. Fazer algumas tarefas. Ajudar a minha mãe a fazer o jantar”
136. “Tomar conta de mim”
137. “Ajudar a mãe a fazer o comer. Pôr a mesa para nós comermos”
140. “É uma grande responsabilidade”
141. “Quero que tenham uma boa saúde e não falem às consultas importantes”
148. “Dar comida ao meu filho”
149. “Saber como a higiene deles é”
150. “Cuidava dos meus filhos”
152. “É uma grande responsabilidade”
153. “O pai preocupa-se com a higiene”
153. “O pai tem que se preocupar com o filho”
154. “Preocupando-se com as suas vidas”
155. “Ter uma pessoa para poder cuidar”
159. “Cuidava rigorosamente do meu filho. Não faltava a nenhuma reunião da escola”
160. “Se nós tivermos doentes, têm de faltar ao trabalho”

162. “Ser pai é tratar dos filhos”

162. “Ter algumas responsabilidades”

163. “É preocupar-se se os filhos têm boas notas.

Preocupar-se se os filhos estão limpos e com saúde”

164. “Se o filho tem alguma doença grave, o pai tem de levar o filho ao médico.”

165. “É ter responsabilidade com os filhos. É ter preocupação com os filhos”

166. “Para mim ser pai é uma responsabilidade enorme”

167. “Cuidar de mim. Levantar a minha mochila quando leva muitas coisas”

170. “Ir às minhas reuniões. Vir ver as minhas notas. Preocupar-se com a minha alimentação e deitar-me cedo.”

171. “Tratar dos filhos”

172. “Quando os filhos estão doentes, os pais estão sempre preocupados”

173. “Ajudar nas tarefas domésticas”

174. “Cuidar de mim”

Proteção

9. “Para mim ser pai é ser poderoso”

32. “Ser protetor dos filhos e da mulher”

43. “Progeger os filhos enquanto eles não se sabem defender.”
50. “Ser pai é proteger os filhos”
66. “O pai deve ser protetor”
66. “O pai deve proteger o seu filho, a vida do seu filho em primeiro lugar”
68. “Protegê-los em certas ocasiões”
77. “Está sempre a olhar pelas crianças”
84. “Pesquisar com o seu filho para que não ponha vírus no computador”
- 85.” Um pai também é uma pessoa que tem que estar atenta aos seus filhos”
88. “Deve estar sempre a acompanhar os filhos na internet”
90. “Vai connosco à internet”
93. “Ser valente. Proteger os filhos”
96. “Proteger os filhos”
100. “Ser valente para proteger a família”
101. “É valente. Protege-nos sempre”
111. “Um homem forte e corajoso”
115. “É perguntar a um filho quem são os amigos e ir ver se

eles, os amigos, são ideais, ter conhecimento no que os filhos estão metidos”

120. “Enfrentar o perigo”

130. “Ser corajoso, saber proteger as mulheres”

149. “Saber se ninguém os trata mal, se ninguém os assusta sem qualquer razão”

168. “Conhecer os amigos dos filhos”

173. “Saber defender a família”

Carinho

e Reconforto

1. “Dar mimos”

1. “Eu quero ajudar o meu filho”

1. “Fazer com que ela (educação) seja amigável”

2. “Para mim, ser pai, é ajudar o meu filho”

2. “Dar-lhe atenção”

3. “Dar amor, carinho”

4. “Para mim, ser pai, é ajudar o filho quando ele precisa”

4. “É dar-lhe amor, carinho, mimos e ternura”

5. “Dar carinho aos filhos”

5. “Dar carinho, amizade”

6. “Ser carinhoso e, às vezes, ser calmo. E também saber amar”

7. “Dar-lhes carinho, amor”

9. “Amigo e simpático”

9. “Convive com a família e é feliz com a sua vida”
10. “Tenho que dar bondade, ajudar quando ele precisa”
16. “Também temos que lhes dar carinho”
17. “Para mim o pai é uma pessoa importante porque ele é meu amigo e eu sou amigo dele”
18. “Ter paciência”
19. “Ter paciência”
21. “Para mim ser pai é muito importante porque ele dá-me muito carinho”
21. “Para mim o pai é grande amigo porque ele gosta muito de mim”
23. “Ele adora-me mesmo quando me porto mal”
24. “Para mim ser pai é uma alegria para lhe dar carinho, para lhe dar amor”
24. “Ajudá-lo sempre nos momentos bons e nos momentos maus”
27. “Se eu for pai dou carinho, amor, felicidade”
28. “Para mim ser pai é dar carinho aos filhos”
28. “Ajudá-los quando têm problemas, apoiá-los”

29. “ Ser pai é dar carinho,
amor e beijinhos nos nossos
filhos”
30. “Dar carinho”
30. “Dar-lhes amor”
31. “Dar amor e carinho aos
nossos filhos”
32. “Dar carinho e muito amor.”
34. “Para mim ser pai é dar
atenção aos meus filhos”
34. “Dar-lhes amor, carinho.”
34. “Ajudá-los quando eles
precisarem, vou acompanhá-los
aonde eles precisarem”
35. “Dava-lhes carinho”
35. “Amor”
35. “Também os ajudava nos
momentos difíceis”
36. “Se eu fosse pai era
carinhoso, amigo e muito
querido”
37. “É dar amor aos filhos”
37. “Também fazer carinho”
40. “Ser meigo, ser amigo”
40. “Ser ajudoso”
41. “Ajuda-nos”
41. “É nosso amigo e ajuda-nos.
Dá-nos amor e carinho.”
42. “O lado bom é que nos
adoram quando temos uma bela
família”
43. “Acompanhar o filho
enquanto ele ainda é
pequenino”

44. “Também estar a fazer companhia ao filho”
44. “Mimá-lo quando ele está triste, aborrecido ou chateado. Um verdadeiro pai fazia tudo ao máximo para ser o melhor pai para ele”
44. “Estar sempre presente nas ocasiões difíceis do seu filho”
45. ”Qualquer pai é o melhor amigo do seu filho, caso seja um bom pai mas, em regra geral, pai e filho são melhores amigos”
46. “Um pai está sempre a inventar uma brincadeira quando o filho está triste”
46. “O pai, quando nós adormecemos, vem-nos dar um beijo de boa noite e quando é para nos acordar vem-nos chamar baixinho à cama”
46. “Dá-nos mais atenção”
47. “Ser o melhor amigo do filho”
- 49.” Ele acorda-nos com carinhos”
51. “Dar amor de pai aos filhos e isso ninguém pode compensar”
52. “Ser pai é amar os filhos”
52. “A única igualdade dos meus pais é amar-me”

56. “Ser pai é sentir amor pelo seu/seus filho/filhos”
59. “Dá-nos mimos”
60. “Ajudar os filhos quando eles mais precisam, ser muito bom para os filhos”
61. “Ajudar os filhos”
63. “Ser pai é dar muito carinho aos filhos”
64. “Passar tempo com os filhos”
64. “Não há diferenças entre o meu pai e a minha mãe porque os dois gostam de mim igualmente”
64. “Ajudam-me quando preciso”
64. “Um pai deveria, pelo seu filho, ajudá-lo, gostar dele”
64. “Apoia-los quando precisam”
65. “Ser pai é ser bondoso, ajudar os filhos”
- 66.” Dar carinho para os filhos”
- 66.”Ter tempo para os filhos”
66. “O pai deve ser gentil”
66. “Não bater e não gritar”
67. “Ser forte para pegar nos filhos ao colo”
67. “Falar segredos com ele”
- 69.”Tratá-lo bem, ajudá-lo quando ele precisa e dar-lhe carinho”
69. “Ele adora o filho”

71. “Ajudar os filhos”
72. “Gostam de mim da mesma maneira”
77. “Ser carinhoso”
77. “Ser amável”
79. “Ser pai é ser uma pessoa amiga que nós podemos confiar”
79. Num momento que nós estamos tristes, ele tenta sempre ajudar-nos. Se quisermos desabafar, é uma pessoa ideal”
80. “Muito miminho”
80. “É muito importante para nós”
81. “Quando o filho está triste, ir ajudá-lo. É dar o melhor que tem para o filho. É dar todo o coração para o filho”
83. “Estar ao lados dos filhos”
83. “Poder fazer a família feliz e dar apoio aos filhos”
84. “Dar carinho ao seu filho.”
84. “Ajudar o seu filho quando tem dificuldades. Ajudar para que o filho seja impecável”
85. “Ser pai é uma pessoa que cuida dos seus filhos quando estão tristes e assustados.”
86. “Estar pronto a ajudar nos momentos bons e maus”
87. “Ser pai é ajudar os filhos com problemas”

87. “Ser pai é tentar não discutir sempre com a mulher”
88. “Deve ser bom para os filhos, deve estar sempre com a família quando pode”
89. “O pai deve ser um amigo”
89. “O pai dá carinho aos filhos. Deve ser carinhoso e bom”
89. “O pai deve conviver com a família”
90. “O meu pai dá carinho, ajuda nos problemas”
91. “É ser amigável com a família, ajudar os outros”
91. ”Um pai para mim é um coração, é amor, carinho, é a minha felicidade”
92. “Deve ajudar o filho quando tem problemas”
93. “Ajudar quem precisa.”
93. “Ser simpático, carinhoso”
94. “O pai ajuda-nos quando precisamos. Quando temos problemas. Ajuda-nos quando estamos tristes. Também dá carinho. Também nos dá amor.”
95. “Ser pai é dar carinho, ajudar-nos quando precisamos e ser amigo”
95. “Apoiar a família nos momentos difíceis e nunca nos deixar”

95. “O pai é uma pessoa em quem confiamos. O pai, para nós, é tudo.”
96. ”Ajudar os filhos em todas as ocasiões que eles precisem”
96. ”Um pai também tem muito carinho em nós e muito amor”
97. “Um pai pode ser carinhoso, amigo, ter tempo livre para nós e ser amigo da família”
101. “Ajuda-nos muito, muito. E é muito simpático”
102. “Para mim ser pai, é adorar os filhos. Acarinhar e amar. Gostar do filho com carinho e amor. É uma ajuda grande”.
104. “Ter amor, dar carinho aos filhos. Ser amoroso”
105. “Acompanhar-nos em tudo o que nós precisarmos, recebermos carinho deles”
106. “Ajuda-nos nos problemas”
106. “Ajuda-nos em tudo que precisamos”
106. “Ser pai é ajudar a família”
108. “Para mim ser pai é amar ao máximo o filho”
110. “Dar carinho”
112. “Ajudar”
113. “Para mim o pai é muito importante”
116. “Ter um filho para o acarinhar, abraçar. O meu filho

é a minha coisinha mais fofinha
e sensível do mundo”

117. “Ser pai, para mim, é ser
bom.”

117. “Não os deixar triste”

117. “Ser boa pessoa para os
filhos, ter paciência”

121. “Quando ele saía da
escola, eu perguntava-lhe se
correu tudo bem ou tudo mal”

124. “Ser mais meigo”

125. “É preciso ter paciência.”

125. “Ser pai é uma coisa muito
importante para as crianças”

126. “Conversar”

127. “Dar amor”

128. “Dá-me beijinhos”

130. “Ser bom”

130. “Saber amar”

131. “Ser pai é ser carinhoso”

131. “É amoroso e importante”

134. “Ele nunca vai deixar de
gostar de nós”

135. “Ter amor”

136. “Fazer coisas comigo e
com os meus irmãos”

138. “Dar carinho, ajudar os
filhos quando precisam”

138. “Dar-lhes apoio quando
estão tristes”

140. “Estar sempre quando
precisarmos”

141. “Quero que eles sejam
muito felizes.”

143. “Ser ajudante dos filhos”
144. “Ser pai é ser muito bom com as crianças e ser semelhante”
148. “Não quero que o meu filho fique triste”
149. “Saber as notas deles”
150. “Participava em tudo só para estar com os meus filhos”
151. “Nunca abandonar o bebé nos hospitais, receber as crianças acabadas de nascer nos braços e amá-las. É adorar”
151. “Apoiar os filhos nos momentos maus e bons da vida, é ajudar”
152. “Ser alegre com o seu filho, ajudá-lo em tudo o que for preciso, mesmo que seja uma situação muito má.”
154. “Gostar-se muito dos filhos, falando, conversar com eles sobre a escola, sobre os amigos”
155. “É ter sempre uma pessoa que me ouve sempre que eu quiser desabafar, poder dar amor a alguma pessoa, amar”
156. “Perguntar se o filho está bem, como correu a escola, falar com ele em qualquer momento, acompanhá-lo em qualquer assunto”

157. “É ter carinho para a família”
158. “Fazer tudo para o bem do meu filho”
159. “Ajudar sempre que pudesse”
161. “Há pais que gostam muito dos filhos”
163. “Ajudar os filhos no que eles precisarem. Falar com os filhos quando eles estão assustados ou com medo de alguma coisa”
168. “Amar e acarinhar”
171. “Ter tempo para ir às festas da escola”
173. “Tratar bem os filhos. Respeitar as opiniões dos filhos e saber dar carinho.”
174. “É ser amoroso. Gostar de mim, amar-me”

**Apoio Emocional
e Encorajamento**

11. “Comprar-lhe brinquedos”
17. “O meu pai é bom quando eu me porto bem”
31. “Dar-lhes brinquedos novos”
46. “E confia muito mais em nós”
46. “E o que eu mais gosto é o meu pai confiar em mim e sabe que eu consigo tirar boas notas”

59. “Dá-mos presentes aos
nossos filhos”

62. “Quando eu me porto bem,
fazem-me logo surpresas”

66. “Dar confiança que vai
conseguir fazer o teste”

66. “Dizer: vais conseguir filho,
tu és capaz”

78. “Ter orgulho do filho”

81. “Dar brinquedos”

89. “Porque o pai também dá
brinquedos aos filhos”

92. “Quando o filho faz anos,
deve juntar a família”

92. “Se deixa ou não ir a
alguma visita da escola”

96. “Pode dar presentes ou
prendas para os filhos”

110. “Dar jogos”

113. “Ele dá-me brinquedos,
bolas, legos e bolos. Dá-me
natas e bolos de morango, dá-
me aviões, helicópteros e carros
de corrida. Mas quando me
porto mal, ele não me dá nada
que eu quero”

118. “Para mim, ser pai, é
quando me porto bem me dares
uma prenda. É quando vamos
ao *McDonald's* e como o que
quero.”

121. “Dava-lhe um brinquedo
baratinho e também se ele se
portasse bem”

131. “Ser orgulhoso”
145. “Às vezes eu peço-lhe um brinquedo e ele dá-me”
146. “Quando eu me porto bem, o meu pai fica logo feliz e ele queria-me dar uma prenda”

Trabalho e Sustento
Económico

3. “Trabalhar muito para ganhar dinheiro para comprar comida e saúde para a família”
3. “Pagar a nossa escola”
7. “Trabalhador, para dar de comer aos filhos”
8. “Tenho de encontrar um emprego”
9. “Trabalhar para pagar as despesas e comprar coisas que toda a vida vão precisar.”
9. “O meu pai é um homem muito trabalhador”
11. “E depois alguns pais têm trabalho de dia e à noite. Têm que comprar leite, roupa, calçado, uma aranha para aprenderem a andar”
12. “Também têm de nos comprar roupa”
12. “Têm de trabalhar para comprar a alimentação”
13. “Temos que trabalhar para a família comer e para terem roupa”

14. “Trabalhar para sustentar a família, comprar roupa para os filhos”
18. “ Ir trabalhar para poder cuidá-los”
19. “Teria que trabalhar no seu emprego”
19. “Com esse dinheiro teria que pagar os livros para a escola, as suas despesas, alimentos, entre outros”
20. “Para mim ser pai é colaborar nas despesas lá de casa”
21. “Ele trabalha para ganhar pão”
22. “Têm de ganhar dinheiro para sustentar a família”
23. “O nosso pai é nosso amigo porque nos compra roupa e calçado. Ele trabalha para sustentar a casa e dá-me uma boa alimentação.”
24. “O pai tem de trabalhar o dia todo”
26. “O pai ganha dinheiro para sustentar a família”
28. “Ganhar dinheiro para dar comida e roupas para não terem fome nem terem frio”
38. “Temos de trabalhar para comprar a alimentação.”
39. “Ele também trabalha para ganhar dinheiro”

42. “Porque se trabalha toda a hora nas construções da casa. Trabalha-se de manhã e à noite.”

44. “Dar tudo para que o filho tenha tudo o que precisa e dar todo o conforto ao filho”

53. “Contas do gás, da luz, da energia”

54. “Eu comprava um gato e um cão para ele”

60. “Aguentar com os filhos sempre a pedirem-lhe coisas que só vão usar nessa altura”

60. “Também porque tem emprego e ficam lá o dia quase todo e ao final do dia ficam muito cansados”

62. “Passam horas e horas a trabalhar”

64. “Trabalham muito”

65. “O meu pai trabalha muito”

70. “Trabalhar. Tratar da conta da água, tratar da conta da luz e ganhar dinheiro para brinquedos, móveis, roupa, janelas, comida e material para a escola dos filhos”

75. “Trabalhar para os sustentar”

78. “Devem os dois trabalhar para sustentar a família”

81. “É ganhar dinheiro. Sustentar as crianças”

86. "Ter um bom emprego"
87. "Fazer tudo para ter dinheiro para comprar coisas para o filho ou filha como comida, roupa."
88. "Ganha dinheiro para sustentar a família"
89. "Ser pai é pagar a água, luz e a conta da casa"
91. "O pai deve sustentar a família"
92. "Ir trabalhar, ganhar dinheiro para sustentar a família"
93. "Ajudar a comprar o material."
93. "Ele trabalha para ajudar"
95. "O pai não é só para trabalhar e ganhar dinheiro"
96. "Também tem que sustentar a família"
97. "Sustentar a família. Ganhar dinheiro para pagar as despesas"
98. "Ir trabalhar para ganhar dinheiro para dar de comer à família"
99. "Deve sustentar-nos"
100. "O pai tem que trabalhar para poder sustentar a família"
108. "Dar-lhe o que for preciso para ele ter uma vida boa e sustentá-lo até ao fim da sua vida"

110. “Dar calçado, roupa”
121. “Quando ele precisasse de roupa, eu dava-lhe”
122. “Ajudar a mulher nas despesas”
132. “Dá-me tudo o que eu quero”
137. “Tem de trabalhar”
140. “Ir trabalhar para ganhar dinheiro para a família”
141. “Trabalhar para sustentar os filhos”
142. “Quando não tiverem casa e andarem na rua, a porta está sempre aberta para comer, para dormir até quando tiverem casa”
146. “Ele vai lutar para ganhar dinheiro”
148. “Ganhar dinheiro para o meu filho e se ele me pedir alguma coisa eu vou-lhe dar”
155. “Trabalhar arduamente noite e dia para dar de comer à minha família, especialmente ao meu filho”
156. “Trabalhar para ganhar dinheiro para ajudar a família a sustentar-se”
159. “Trabalhar ao máximo para ganhar dinheiro”
160. “Tem que ir trabalhar”
160. “Também tem de comprar comida para a casa”

161. “Tem de trabalhar horas e horas para ganhar dinheiro para pagar as despesas de casa e alimentar a família”

162. “Temos de sustentar os filhos, porque quando os filhos são pequeninos temos de fazer algumas coisas para tratar dos filhos e comprar coisas para os filhos. Temos de trabalhar para tratar dos filhos.”

163. “É ser trabalhador para ganhar dinheiro para sustentar os filhos.”

164. “Tem de trabalhar muito para ter dinheiro para manter os filhos”

165. “Temos de trabalhar muito para sustentar o filho e pagar as despesas”

170. “Ele compra-me roupa e calçado e dá-me comida”

171. “Arranjar trabalho para sustentar a família. Arranjar casa”

172. “Têm de trabalhar para sustentar os filhos deles”

175. “Para mim ser pai é trabalhar e sustentar a família. Ganhar dinheiro para casa, para comprar coisas.”